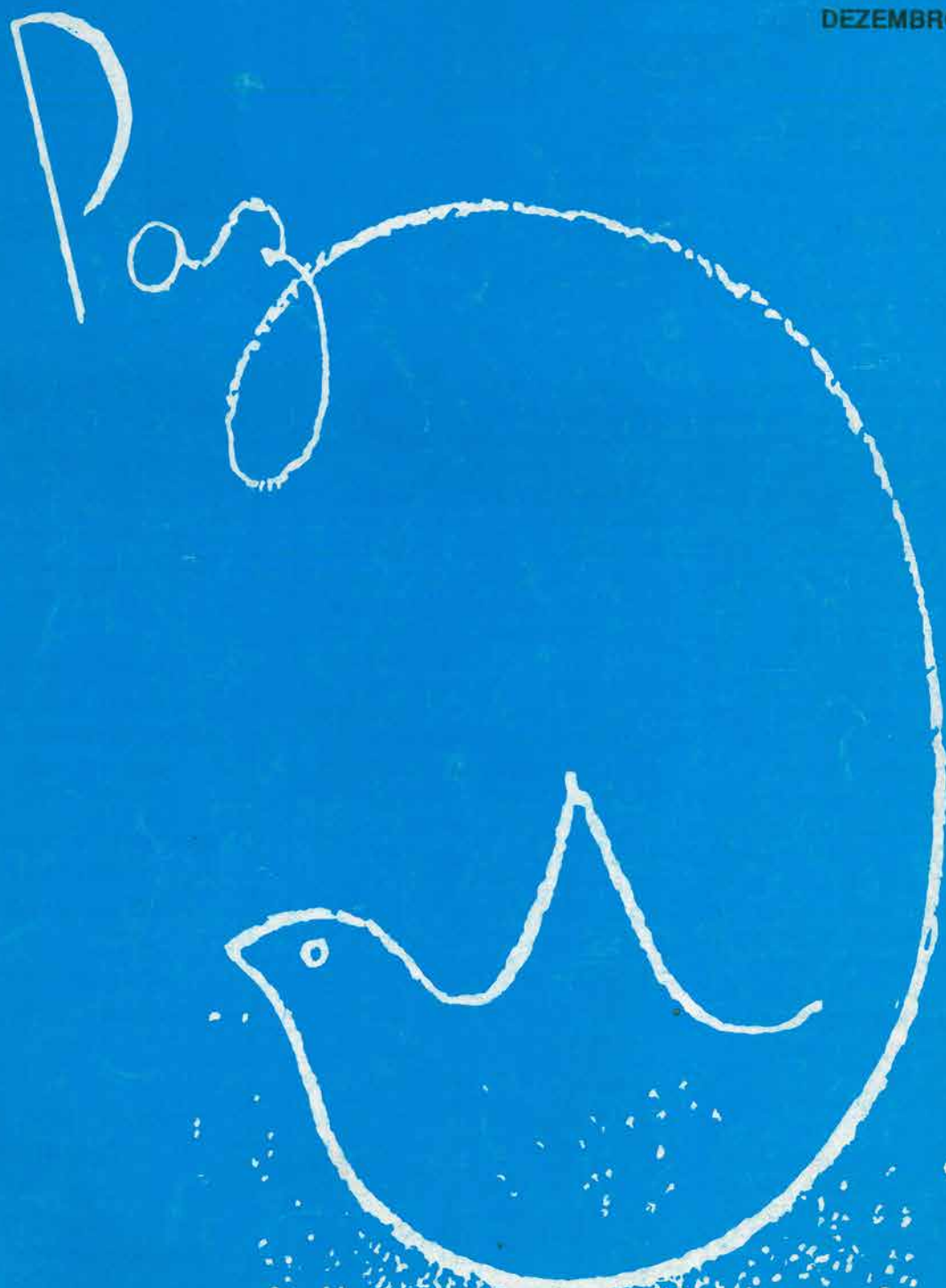




a chama

DEZEMBRO DE 1991



Handwritten signature or mark in the bottom right corner.



a chama

EXPEDIENTE

Rua Cosme Velho, 241
Laranjeiras — CEP 22241
Telefone: 205-0796

Supervisão Editorial

Anamaria Prado
Solange Gonçalves Borba
Olga Maria Ramalho

Diagramação e Editoração Eletrônica

Sonia Maria Goulart Salles

Os artigos assinados
são de responsabilidade
dos autores.

Circulação dirigida
2.500 exemplares

Impressão

INDÚSTRIAS GRÁFICAS BARROZO LTDA.
TEL.: 591-0444

EDITORIAL

VIDA DE PAI Um Aprendizado Contínuo

Pedro Paulo Martins Barbosa
Presidente da A. P.M.

"Conta a lenda que um dia um Pai pediu ao Filho, que há muito havia ido, que voltasse ao lar. Respondeu-lhe o Filho que, não poderia voltar todo o caminho e o Pai, então, disse: Volte até onde puderes que eu irei ao teu encontro".

(Provérbio Judeu)

Ser Pai é estar preparado para ajudar ao Filho, no momento em que sua presença se fizer necessária, sem procurar domínio sobre suas ações ou sobre seus ideais, sendo esta a verdadeira missão que nos é transmitida pelos ensinamentos dos mais antigos.

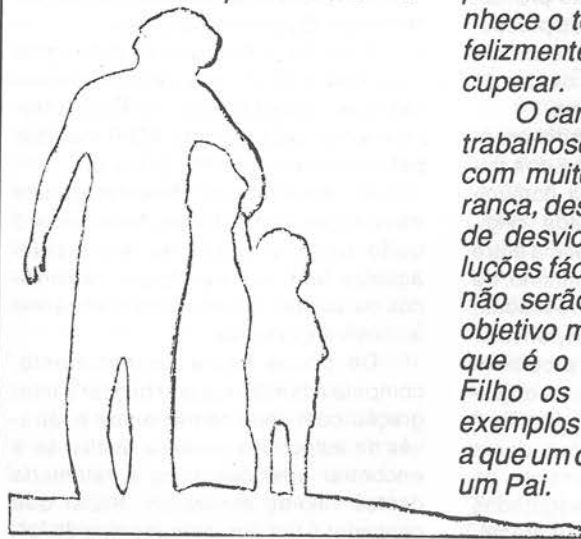
Na época atual, com a difusão cada vez maior e mais intensa de Falsas Verdades, torna-se muito difícil cumprir a missão confiada. Porém, para não deixar passar a oportunidade de servir àquele que lhe foi destinado como Filho, caberá ao Pai buscar na paciência e na

compreensão, a sabedoria necessária para lidar com o jovem que é tão seu, que não lhe pertence, pois é muito mais que seu, é um Amigo.

Contudo, não deve haver muita proteção pois é necessário que cada um aprenda a trilhar o seu próprio caminho, através da busca incessante de conhecimentos e de novas emoções, que resultarão num amadurecimento do Corpo e do Espírito.

É triste vermos pessoas que passaram a vida inteira não sentindo ou não descobrindo o Amigo que tem em seu Filho e, só no final de sua existência, por um motivo ou outro, reconhece o tempo perdido que, infelizmente, não mais poderá recuperar.

O caminho é muito árduo e trabalhoso e deve ser trilhado com muito cuidado e perseverança, desconfiando-se sempre de desvios que prometem soluções fáceis, pois, certamente, não serão compatíveis com o objetivo maior a ser alcançado, que é o de poder passar ao Filho os ensinamentos e os exemplos de sua vida, de forma a que um dia ele possa se tornar um Pai.



FAMÍLIA E FORMAÇÃO PERMANENTE

Anamaria Prado
Presidente da A.P.M. do CSVP
Membro do Conselho Permanente de
Pais – AEC (RJ)

Vera Mariza Stocco
Representante de Pais
Cons. Diretor – Sion
Membro do Conselho Permanente
de Pais – AEC (RJ)

“... Todo homem deveria ser totalmente educado, formado de modo correto não apenas em um único assunto, ou em alguns, ou até mesmo em vários, mas em tudo o que aperfeiçoa a natureza humana.”

Jan Amos Comenius, 1632.

FORMAÇÃO INICIAL – BASE

A formação inicial é a base da formação permanente, na medida em que ela é ponto estrutural do processo de renovação, pela qual a criança passa junto com a família, ao longo do seu desenvolvimento.

A mesma importância que damos aos hábitos e atitudes relacionadas ao físico, deve ser direcionada ao psíquico e ao emocional; que serão suportes para a criança obter uma integração social positiva no mundo em que começa a ingressar.

O aspecto prático da formação inicial está no confronto entre o novo, o diferente e o pré-estabelecido, os quais geram um novo conflito que a família administrará buscando novos caminhos que tornem a linha de tempo menos dolorosa para quem inicia sua caminhada para a consciência coletiva.

Consoante com o aspecto prático, a criança evoluirá ou não no seu processo de formação e informação, se encontrar respaldo e continuidade dentro do processo pedagógico-educativo.

A sintonia do binômio família-escola deveria se dar na afirmação dos valores oriundos da família, da comunidade educativa e da sociedade, originando, desta forma, a convivência entre o real e o utópico, com o mínimo de frustração para as partes interessadas.

Conscientes de suas responsabilidades, pais e educadores propiciam aos jovens a realização de seus objetivos; com a convicção de que a família é a base estrutural, cabe aos educadores complementar, através do ensino, os valores que precisam ser resgatados sempre através do novo, do diferente,

do excepcional, que a cultura dá a quem com ela convive.

A família, ao traçar as metas para alcançar seu objetivo, não pode perder de vista a influência dos meios de comunicação e da realidade sócio-cultural do país; propiciando aos filhos as condições indispensáveis para tornarem-se um ser humano, seletivo, solidário e criador.

Para que nós, pais, possamos, de fato, entender e formar nossos filhos, temos de ser capazes de sair da nossa própria maneira de ver e nos colocarmos na perspectiva da outra pessoa, o que infelizmente nem sempre é fácil.

Pais e filhos são a família. Junte-se a eles os avós, os tios e ampliaremos o conceito. Muito embora todos influenciem e contribuam, cabe aos pais a parcela maior de responsabilidade na condução do processo de formação dos filhos. Estes aprendem com maior facilidade quando se sentem envolvidos, interessados, motivados e livres de ansiedades perturbadoras. Aprendem com maior boa vontade quando os ensinamentos partem daqueles que amam e em quem confiam, em um ambiente que os faça sentirem-se seguros.

A sociedade moderna é pródiga no diagnóstico de causas e efeitos, das falhas e carências encontradas ao longo da empreitada nem sempre fácil, nem tanto simples de formar e informar aos jovens. Mas nunca como agora é tão nítida a omissão da família a qual abdica com freqüência da prerrogativa de ser o principal responsável pela formação permanente de cada geração. Necessário se faz ficar disponível para resgatar, com urgência e dignidade, este dever singular de pai e mãe.

É no dia a dia, através das ações mais corriqueiras, que serão sedimentadas as noções básicas de Ética e Moral e a nós, pais, cumpre AGIR movidos pelo amor como diretriz primeira.

Ao observarmos diferentes grupos de crianças, constatamos, facilmente, o quão desorientadas se encontram aquelas às quais não foram transmitidos os valores mínimos indispensáveis à convivência social.

De posse deste conhecimento, compete à família nuclear buscar a integração com seus semelhantes e, através da autocrítica honesta, avaliar-se e encontrar soluções para a retomada destes valores essenciais. Saber que conceder é um dos instrumentos de for-

mação, mas não o único. O excesso de permissividade elimina a relação humana significativa.

Formação permanente implica num exercício sempre reformulado de ensinar, apontar caminhos, corrigir distorções, dialogar e, principalmente, ouvir, ouvir tudo e todas as informações que o filho traz de seu convívio com o grupo, pois, é entre seus iguais que ele utilizará, ou não, as informações acumuladas em casa, pelo menos como referencial de comportamento. Responsabilidade, respeito e vivência cristã deixam então de ser conceitos teóricos e passam a ser testemunho.

Há que se parar para pensar e repensar sobre a maneira como estamos orientando nossos filhos para serem participativos neste final de século de velozes mutações e constantes ascensões e quedas de conceitos e costumes. Se compreendermos que, errar e acertar, corrigir rumos e resgatar princípios, são instrumentos fundamentais para o aprimoramento de nossa tarefa, estaremos sendo lúcidos e coerentes quando nos colocamos como agentes transformadores da sociedade e que é esta convicção que nos permite enfrentar a adversidade, bem como apreciar o prazer de realizar nossos sonhos.

Exemplificando pela vivência em família estaremos instrumentando-os para suas relações futuras com indivíduos distintos e situações que, quer queiramos ou não, os aguardam ao longo da vida. É este um compromisso a ser cultivado com amor e com olhos corajosos, sem esconder ou estar cegos ao fato de que cada um reúne coisas boas e outras não tanto.

A coerência entre o discurso e a ação é, talvez, o maior desafio a enfrentar, mas é, também, a mais eficiente fonte de inspiração, quando nos propomos a caminhar com nossos filhos na busca do aperfeiçoamento pessoal como cristãos e como cidadãos livres e conscientes de nossos direitos e deveres com Deus e a sociedade que estamos ajudando a construir.

“Não restrinja seus filhos aos seus próprios conhecimentos, pois eles nasceram em uma época diferente.”

Provérbio Israelense



D. PADIN, MESTRE EM EDUCAÇÃO PARA TRANSFORMAÇÃO

Éramos cerca de 50 educadores reunidos, entre 20 e 22h no Colégio Zacaria, a convite da A.E.C./RJ, para escutar D. Cândido Padin e dialogar com ele sobre Igreja e Educação.

D. Cândido Padin é atualmente Bispo emérito da Diocese de Bauru, de que foi, por vinte anos, competente e zeloso Pastor, após ter servido à Arquidiocese do Rio de Janeiro, como Bispo Auxiliar e após ter sido, como monge beneditino, Diretor dos 3 Graus de ensino (Colégios e Universidades).

A função de Educador foi por ele, entre tantas outras, assumida em plenitude. Por isso, ainda agora, é considerado verdadeiro **Mestre** nesta área de que tantos se apropriam sem a devida qualificação.

Falar de Educação Libertadora é, pois, para D. Padin, discorrer sobre o "prato do dia" e de sempre. É falar do que entende, do que deseja comunicar; é evangelizar.

Na ocasião, eis um pouco do que recordou conosco:

1 — É universal a presença educativa da Igreja na sociedade. As instituições educacionais sempre estiveram na linha de frente da Evangelização. A Escola Católica deve, pois, ser uma linha avançada da Evangelização. Contentar-se com transmitir cultura e instrução seria omissão.

À imitação do Mestre que "veio para que todos tenham vida em abundância", a Igreja sempre luta pela qualidade na educação, mesmo respeitando o pluralismo hodierno e a liberdade de consciência, ela busca, através de pedagogia sempre renovada, fazer passar a qualidade de sua doutrina na formação do cidadão e do cristão.

E, ao fazê-lo, volta-se com particular atenção e carinho, para os mais necessitados, para os que a sociedade tende a marginalizar.

Entre os numerosos documentos eclesiais sobre Educação, merece especial atenção o de Medellín, fruto da segunda reunião do Episcopado latino-americano, que vem sendo estudado e divulgado nos últimos 20 anos e, em 1990, retomado no texto de estudo que a C.N.B.B. propôs aos Educadores Católicos do Brasil. D. Padin expõe as **cinco prioridades** da Igreja latino-americana em educação:

1ª Formação do espírito crítico, capaz de discernir, de selecionar critérios. Daí surge o espírito científico. Se falhar isso, falhará a Escola. Na medida em que cresce o espírito crítico, o educando se transforma em sujeito do próprio desenvolvimento.

Tanto quanto a catequese, a pedagogia ganhou com o processo das Ciências Humanas — psicologia, sociologia, etc.... — A pedagogia hoje nos faz compreender que a educação é atividade do educando, mais que do educador; a este cabe motivar, provocar, dando espaço à participação do aluno. Se não fizer assim, estará (o Professor) sendo um empecilho, não um educador. E Educação Libertadora está na linha do mistério pascal que é a vida. A passividade pedagógica seria morte... Alunos, em geral, têm olho clínico — reforçado pela aquisição de critérios de julgamento — capaz de verificar se a educação está sendo levada a sério ou se o professor está apenas passando o tempo.

2ª Inserção do Educando na vida social, mediante esforço de criatividade e de pesquisa. Não basta ao professor cumprir o programa.

Não é fácil, nos grandes meios urbanos, inserir as crianças nos bairros. A Escola corre o risco de ser apenas "ponto de encontro".

A Associação de Pais deve ser uma ajuda à Escola no esforço de inserção. Não é possível à Escola educar sem a contribuição da família, mesmo que nem sempre seja fácil o relacionamento dos Pais com os Professores.

3ª Educação para a Democracia e a Cidadania. O caráter político faz parte da **Educação da qualidade**, há quem tema a simples menção da política como fator educativo. Há também os que temem ver os próprios filhos se misturarem aos demais... Não pode haver educação neutra, alienada. A Escola que não desperta a consciência das injustiças sociais é apenas depósito de crianças. Existem ainda os indiferentes, que não se preocupam com tal aspecto político... O resultado aí está; a corrupção em imensa escala, agora vinda à tona, sem que se possa atribuir ao atual governo toda a responsabilidade.

Durante a ditadura militar, quando tantos educadores, mesmo católicos, se calaram, algumas Universidades Católicas, pelo menos se manifestaram contra as injustiças.

4ª Educação que privilegia a iniciativa do Educando, enquanto contribuição para a utilidade pública.

A Escola Católica deve formar a consciência profissional. O profissional é o presta serviço aos outros. Ninguém — salvo as exceções — é profissional em proveito próprio. A formação inicial do profissional deveria começar na Escola. A criança necessita de valorizar a terra, as mãos e produzir... Cortamos um pedaço da vida humana quando impedimos alguém de utilizar sua capacidade de produzir.

5ª Introdução à Justiça social sem discriminação. Sem discriminação, por exemplo, entre homem e mulher, de tal sorte que possam trabalhar recebendo idêntica remuneração. É a educação na linha do respeito à dignidade humana de todos na sociedade. Toda atitude discriminatória deveria ser arrancada da Escola Católica, mesmo que se trate de simples expressão verbal.

2 — A Igreja e a Educação Informal

Também neste aspecto, a Igreja esteve sempre presente. Hoje vista a instituição do M.E.B., cuja metodologia era baseada no "aprender conscientizando-se". Lamentavelmente, a Revolução de 64 anulou o M.E.B., substituindo-o pelo MOBRAF que se verificou impotente, deixando o Brasil com um dos maiores índices de analfabetismo da América Latina.

3 — Questões. Entre as várias questões, vale destacar a da possibilidade de alternativas ao sistema da Educação Libertadora, como pedagogia católica.

Educação para a Transformação é exatamente a concretização da pedagogia evangélica; por isso, é a única viável na Escola Católica.

Como meio de anular a suspeita de esquerdismo, marxismo ou liberalismo que pesa sobre a Pedagogia da Libertação, é importante que a Escola formule o próprio projeto Educativo, democraticamente elaborado...

A A.E.C. enquanto centro aglutinador de Educadores e Escolas Católicas, é a instituição responsável pelo aprofundamento e divulgação da doutrina evangélica, da Educação Evangélica proposta por Medellín.

SERÁ MESMO O PENÚLTIMO?

OU RÁPIDA VISÃO DAS DIRETORIAS DA A.P.M. DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO ENTRE OS ANOS DE 1981 / 1985.

Pe. José Pires de Almeida, CM.
Diretor

Vai longe o tempo em que aparecia como principal função da Diretoria da A.P.M. a organização da Festa Junina Anual... Hoje, sem abandonar a festa, há maior abrangência de objetivos e atividades, tornando realidade viva a letra do Regimento em relação aos campos social e cultural, pedagógico e formativo.

Assim têm as últimas Diretorias da A.P.M. entendido e vivido sua missão, o que torna fácil e agradável recordar a atuação de cada uma. Aqui, também, "recordar é viver".

1981/1983 DIRETORIA REINERT

Presidente:

Mariane e Aylton Luiz Reinert

Vice-Presidente:

Cidinha e Luiz Celso Baldacci

Diretor de Produções e Relações Públicas:

Elisabeth e João Carlos Teixeira de Almeida Serra

Secretário:

Maria do Carmo e João Luiz D. Faria Vera e Eduardo Seabra Fagundes

Tesoureiro:

Massako (Heloísa) e Minor Enokibara

Desde 1969, Baby e Aylton tornaram-se gente nossa ao matricularem os filhos no Colégio; mas, só em 1980 entravam para a Diretoria da A.P.M., pegando carona no mandato de Glória e Roberto Lopes, a quem sucederiam como Casal-Presidente. A eleição se fez à moda da casa: chapa única, votada por uma minoria e referendada por silencioso Amém da imensa maioria—que certamente aplaudiu e agradeceu a disponibilidade de meia dúzia de bravos a quem não repugna o serviço desinteressado.

Como é freqüente acontecer, nem todos os "empossados" puderam continuar até o final do biênio; saíram no correr do tempo: Elisabeth e João Carlos Serra como também Maria do Car-

mo e João Luiz Faria, cujas lacunas foram preenchidas pelos remanescentes. Bem cedo, a equipe tornou-se um grupo de amigos.

A 1ª crise — provavelmente a maior — a ser enfrentada foi a das contas do mandato anterior que só com alguns meses de paciência puderam ser acertadas. Também ficou para data posterior a entrega das Atas, o que obrigou a "mesa" a abrir novo livro...

A Diretoria Reinert — gente acostuada à vivência da Escola e trabalho conjunto —, percorreu os dois anos com força total e com presença eficaz em cada setor da Casa e vasta escala de promoções. Colaboraram generosamente com os Grêmios de Alunos, com as Voluntárias da Caridade, a Biblioteca, os Laboratórios, o Audiovisual do Colégio, promoveram conferências, debates, introduziram aqui a "Escola de Pais", lutaram pela união de todos os setores da Casa; tudo isso sem esquecer as atividades costumeiras, tais como, Festas Juninas, Natal da Comunidade, Dia do Professor, Bolsas de Estudos. Entre outros eventos destaque:

- Comemoração do IV Centenário do Nascimento de São Vicente de Paulo.
- O debate entre candidatos a cargos políticos eletivos.
- A Celebração da Eucaristia para a Família do Colégio aos sábados à tarde.
- Escola de Pais.

O QUARTO CENTENÁRIO

Quando foi mesmo que nasceu o Fundador de nosso Instituto (Congregação da Missão) e Patrono de nossa Casa? — Em 1576, respondiam os primeiros biógrafos, interessados em esconder alguns pecadinhos jurídicos da juventude do futuro santo, por exemplo, o ter sido ordenado sacerdote com menos de 20 anos, quando o Concílio de Trento exigia o mínimo de 24 anos. Os biógrafos modernos restabeleceram a verdade histórica e adotaram como datas prováveis 1580 e 1581, passando esta última a prevalecer em todas as cronologias atuais. Daí o cuidado de se solenizar, em 1981, este Centenário. No

mesmo ano, a Igreja festejava o 6º Centenário de nascimento de Santa Rita de Cássia (1381) e a Família Seráfica preparava a celebração do 8º Centenário de São Francisco de Assis (1182).

Todas as Congregações e Associações Religiosas Vicentinas, — 03 originais e umas 150 "derivadas", — puseram-se a campo para a digna memória da efeméride. O Colégio São Vicente também.

Unindo circunstâncias motivadoras, a Semana Vicentina, já tradicionalmente animada pelas olimpíadas, teve brilho especial, culminando com a inauguração da "quadra coberta" — antiga aspiração enfim satisfeita. A Diretoria da A.P.M., presente a tudo, documentou na edição comemorativa de A Chama, vinda à luz em fevereiro de 1982. Festas como aquela não se fazem todos os dias! (É pena!)...

O DEBATE POLÍTICO

Vem sendo constante, no São Vicente, a preocupação com o aprofundamento de consciência política dos alunos, o que terá sido, aliás, um dos fatores preponderantes na projeção social do Colégio, a partir da Ditadura Militar. É notório e civicamente edificante o espetáculo das eleições simuladas a nível de alunos das primeiras séries (7 e 8 anos). A militância dos Grêmios os prepara concretamente para o exercício da política...

Daí, a prática de convidar candidatos para, diante de platéia heterogênea, defenderem suas respectivas plataformas de governo.

Tal aconteceu em 1982, 2º ano da Diretoria Reinert, quando, no final de agosto, a A.P.M., com os Grêmios e a Direção do Colégio, promoveu um debate memorável.

Perante um auditório lotado, "desfilaram" os candidatos seus argumentos e pedidos de votos, mas sobretudo, tiveram de responder ao bombardeio, às vezes bem pouco açucarado, dos participantes.

Estiveram presentes: Leonel Brizola, Lysâneas Maciel, candidatos a Governador; Célio Borja, Arthur da Távola e Mário Martins, candidatos ao Senado; Carlos Alberto Afonso e Henriette Ama-

do, candidatos respectivamente à Câmara Federal (Deputado) e à Municipal (Vereadora).

Todos os candidatos, representando 5 partidos, foram bem sabatinados, sendo tal o interesse, que a sessão se prolongou até tarde da noite.

Terá o debate influído na vitória brizolista?

MISSA AOS SÁBADOS

A freqüência à missa dominical é uma das exigências pouco atendidas pela maioria dos nossos católicos. As estatísticas apontam menos de 20% de freqüência. São muitas — e nem sempre desprezíveis — as razões da ausência. Teria maior atração a Celebração da Eucaristia ou Missa no próprio Colégio, na tarde de sábado? Contaria com a presença, pelo menos, das famílias do bairro, isentas de ocasionais impedimentos? Por hipótese, a Missa no Colégio é mais familiar, acolhedora, com possibilidade de uma liturgia adaptada às circunstâncias e aos circunstantes; eles participariam em medida bem mais extensa do que costuma acontecer nas comunidades heterogêneas das missas paroquiais.

Tais interrogações e hipóteses animaram a diretoria da A.P.M. a solicitar ao Pe. Lauro Palú a introdução da "novidade"... Novidade, de fato, não era, pois, desde o início do Colégio até quase final de 1967, existiu aqui esta prática litúrgica na manhã de domingo, com assistência bem regular, constituída dos admiradores do então Pe. Migdon; ele a todos encantava com o senso de atualidade e a conhecida "verve" que imprimia à comunicação da Palavra.

Decidiu-se restabelecer a missa do Colégio. E A CHAMA divulgou o evento com Alegria e Esperança, em seu número 34, de abril de 1982, página 13. "Venha celebrar conosco! Aos sábados, às 17h e 30 min — celebrava-se a Missa da Família do São Vicente. Venha partilhar conosco suas alegrias e tristezas, suas festas e suas saudades! Venha feliz, volte feliz, faça os outros felizes! Na Capela da Casa Central dos Padres Lazaristas, atrás do Colégio..."

Não há documento com estatísticas desta experiência religiosa mas é sabido que os freqüentadores habituais eram poucos, se bem que assíduos... Perseverante em tudo, o incansável celebrante, o próprio Pe. Lauro, semanalmente abastecia seu pequeno rebanho com o Pão da Palavra e o da Eucaristia, em cerimônia cuja tônica era a reflexão

e o diálogo familiar, lento, profundo, afetuoso.

Com a troca da Direção do Colégio, (Pe. Lauro X Pe. Almeida) houve um prazo para avaliação, após o qual se decidiu restabelecer apenas mensalmente a celebração; o resultado não foi mais animador em termos de freqüência. A conclusão parece clara: pastoralmente, tal missa não se pode dizer uma aspiração, não corresponde a uma necessidade. A Direção do Colégio, assim como as Diretorias da A.P.M. que se vêm sucedendo, continua aberta à criatividade e à manifestação do desejo dos Pais a respeito da questão...

ESCOLA DE PAIS

Foi outro grande acontecimento do biênio. Não se poderia afirmar que foi promovido pela Diretoria da A.P.M., mas sim com seu apoio e patrocínio, como todos os demais empreendimentos.

Um dos grandes batalhadores das Escolas de Pais no Brasil, sobretudo em São Paulo, foi o falecido Pe. Eugênio Charbonneau, da Congregação de Santa Cruz. Especialista em movimentos familiares, assim como notável educador, soube fazer, naquela metodologia, eficaz instrumento de renovação do relacionamento Escola-Família e Pais-Filhos.

No São Vicente, o movimento que, por diversas circunstâncias, não chegou a se institucionalizar — foi introduzido pelo casal Conceição e César de Castro, experientes no assunto. O conjunto compreendia dois ciclos de dez sessões semanais. Para o 1º ciclo, a partir do início de abril de 1982, apresentaram-se trinta casais. A cada sessão era proposta uma série de temas bem dentro do interesse de qualquer família que tinha filhos freqüentando a escola.

Mastigadas em grupos, as questões reapareciam, sob forma de conclusões, normalmente diversificadas, que o plenário tentava unificar e aprofundar.

O processo, em si, não incluía muita novidade, a menos que incrementado por audiovisuais bem motivadores, o que parece ter faltado. O grupo estava reduzido ao final do 1º ciclo e não muito disposto a enfrentar o 2º. Entretanto, numa avaliação magistral, publicada em A CHAMA de nº 35, páginas 3, 4 e 5, mesmo mostrando algumas falhas de execução, o Pe. Lauro Palú, Diretor do Colégio, apontou os resultados positivos e algumas sugestões para a futura

caminhada, que ficou por acontecer.

Estava eu justamente a redigir estas linhas quando tive de sair para um Encontro de Educação, promovido pela Comissão Pastoral Catequética da Arquidiocese, onde a Presidente da A.P.M., Anamaria Prado falaria sobre o tema Família X Escola. Ouvindo-a, perguntava-me: não será ainda um bom método o esquema da Escola de Pais, devidamente revitalizado? Deixo no ar (no papel) a pergunta.

1983/1985

DIRETORIA REZENDE MARTINS

Presidente:

Dora e João Carlos de Rezende Martins

Vice-Presidente:

Maria de Lourdes e Benito Leopoldo Diaz Paret

Relações Públicas:

Alvacoeli e Miguel Dario Ardissones Nunes

Tesoureiro:

Sandra Regina e Pedro Eugênio Moreira Conti

Secretário:

Cely e Ronaldo Barral de Senna

Eleita em novembro de 1982, a Diretoria Rezende Martins estava bem aberta aos desafios do biênio 83/84. Em entrevista, no início do mandato, o presidente já podia adiantar à A CHAMA alguns projetos: um ciclo de palestras sobre o tema da C.F. daquele ano (83). "Fraternidade, sim violência, não!" Para o ano seguinte, a comemoração das Bodas do Prata do Colégio, fundado em 1959, além do rol de atividades costumeiras. Tinham, sobretudo, a decisão de se comprometerem com o desafio educacional. "A Educação é um processo recíproco entre Pais e Filhos, acrescentava o Presidente. E os contactos dos Pais entre si e com o Colégio podem tornar-se grande ajuda no bom desempenho da tarefa educativa." (cf. A CHAMA, nº 36, página 7.)

Por qual itinerário chegou à A.P.M. o Casal-Presidente? — "Sempre nos interessamos muito pela questão educacional", respondeu ele (João Carlos).

"Faltava um empurrãozinho para nos engajarmos mais ativamente na A.P.M.. Este empurrão veio sob a forma de convite para participarmos da última reunião da Diretoria, anterior à Assembléia Geral Eletiva do fim do ano; concordamos, com satisfação, em fazer

parte de uma chapa que acabou sendo a única." (cf. A CHAMA ib).

A verdade é que João Carlos e Dora, Casal-Presidente, além de geograficamente vizinhos, aqui tiveram seis dos sete filhos. Pougy pelo lado materno, esta prole convivia no Colégio com outros vários primos, tendo sido um dos tios, César Pougy, um dos inesquecíveis Presidentes da A.P.M., nos anos 69/70. Hoje, aprimorando a insaciável tendência ao magistério, o engenheiro João Carlos cursa mestrado em Educação e, a este título, é assíduo estagiário no Curso Supletivo noturno, prestando excelente serviço à educação dos mais necessitados.

PRINCIPAIS REALIZAÇÕES

Nada melhor para um "historiador" do que encontrar escrito o seu relatório. É precisamente o que me acontece; como seria fastidioso pormemorizar eventos de rotina, retomo aqui as palavras que o Presidente João Carlos dirigiu à Comunidade do São Vicente ao deixar o cargo, citando tópicos do mesmo e permitindo-me algum acréscimo oportuno (ou inoportuno?).

1. Questionário enviado aos Pais

"A finalidade do questionário não era apenas colher sugestões dos Pais e Responsáveis mas também aproximá-los da A.P.M. e dar à Diretoria melhor representatividade, dado que a maioria dos pais não mantém com o Colégio um relacionamento freqüente, como seria desejável. Embora apenas 10% dos Pais/Responsáveis tenham respondido ao questionário, vieram várias sugestões e propostas interessantes, como palestras sobre educação e encontros entre pais, para troca de experiências. Ofertas de colaboração foram aproveitadas na A CHAMA e na organização dos casais representantes de turma."

2. Casais representantes

"Esta estrutura de casais representantes tinha por finalidade ativar e facilitar os contatos entre Pais/Responsáveis e a Direção da A.P.M., dando à Associação uma composição "federativa", como se cada turma de aluno fosse uma unidade federada. Não chegamos a operacionalizar esta organização, mas a diretoria que nos sucedeu irá conseguir seu funcionamento."

3. Grande crise

"Tivemos uma participação difícil na crise do final de 1983 princípio de 1984, quando se formou no Colégio um movimento de Pais e Alunos para tentar reverter uma decisão da Diretoria do Colégio de demitir um grupo de professores; eles não queriam aceitar algumas premissas (de comportamento) que a direção considerava fundamentais na postura dos educadores. A A.P.M. procurou não tomar partido entre as minorias extremadas, uma querendo a readmissão pura e simples e outra que desejava uma solução política para o conflito. Colocada a questão nas mãos da Província, a A.P.M. propiciou o estabelecimento de um diálogo entre o Provincial e uma comissão do movimento de apoio aos professores. Ao final, o Conselho da Província resolveu manter a decisão da Diretoria do Colégio." (Id. lb.).

Se fosse necessário acrescentar algo, diria que o arquivo do Colégio conserva as fotos tomadas nos dias da crise, entre 22 de dezembro/83 e 12 de janeiro/84. Elas mostram uma realidade muito triste. Já não me refiro à promiscuidade que se diz ter reinado durante as "vigílias" e a "guarda noturna" que fizeram à Escola, mas, sobretudo, à falta de consideração e respeito para com as pessoas. Entre estas, havia os anciãos e enfermos da "Casa Central", nos fundos do Colégio que, mesmo nada tendo a ver com a questão, tiveram de suportar o "bombardeio".

O esvaziamento do 2º grau foi dura realidade, com a consequência positiva de um ambiente bem mais tranqüilo a partir de 1984. Vários alunos transferidos por influência de terceiros pediram seu reingresso no São Vicente e foram readmitidos. O líder da revolta, então Presidente do Grêmio, veio posteriormente reconhecer o próprio erro junto ao Pe. Lauro Palú que, como educador, soube compreender e perdoar a atitude adolescente, recebendo-o como amigo.

Quanto à participação da A.P.M. na crise, foi muito modesto o autor do relatório, ao classificá-la apenas de "difícil". Na realidade, tal participação foi heróica, pois se tratava de verdadeira guerra de nervos, quando tomar posição divergente do grupo contestador era tido como sinal de atraso mental a injustiça... A presença, o apoio dos amigos foi, naquele momento, tudo de que o Pe. Lauro necessitava para a dolorosa travessia de vinte dias de humilhantes pro-

vocações e insultos à sua pessoa. É justa ressaltar, além da presença do Presidente João Carlos, a do Vice-Presidente Benito, assim como a de membros das diretorias passadas e vários outros pais de alunos ou simplesmente amigos da Casa, sensibilizados pelo degradante espetáculo.

4. Encontro de A.P.M.s do Estado do Rio de Janeiro

"Em 1984, participamos do I Encontro de A.P.M.s do Estado do Rio de Janeiro, realizado em Niterói. Foi uma troca de experiências muito interessante, cujo prosseguimento devemos procurar manter."

5. Enfim, as Bodas de Prata

"Ainda em 1984, tivemos a comemoração dos 25 anos do Colégio, com diversas festividades, eventos esportivos e missa de ação de graças

Um ponto que abordamos em várias reuniões da A.P.M. foi o de criar oportunidades para a prática de serviços sociais pelos alunos, a fim de trazer para o campo da realidade os ensinamentos sobre a solidariedade social."

É justo acrescentar que as Bodas de Prata foram comemoradas com merecidos festejos e, sobretudo, com um número de "A CHAMA" que, por si, valeu a comemoração. É justo, aliás, reconhecer que as "CHAMAS" daqueles anos eram de fato "ardentes". Estava nelas a mão (o coração) do Pe. Lauro Palú.

A do Jubileu de Prata, que tem o número 43, tornou-se, como que um "Vade Mecum" ou manual de leitura indispensável a quem deseje penetrar no esforço de construção da Proposta Educacional do Colégio São Vicente de Paulo.

CONCLUSÃO

Haveria muito mais a dizer sobre a A.P.M. entre 1981 e 1985. A sugestão é simples: os "heróis" localizados neste capítulo são convidados a complementar as lacunas, enviando suas observações para o próximo número da revista, quando, querendo Deus, buscaremos recordar os mandatos de Maria de Lourdes / Benito (1985/1986), o de Cidinha / Luiz Baldacci (1987) e o de Vera / Giobert Newland (1988).

Isto, se os protestos não impedirem a continuação destas memórias...

LÁ VOU EU PRÁ REUNIÃO DE PAIS... O QUE É QUE EU VOU FAZER NA REUNIÃO DE PAIS?



Reunião de Pais, momento difícil para os professores, a Coordenação Pedagógica e o Serviço de Orientação Educacional. Qual o melhor horário? Qual a dinâmica mais apropriada? Como atender às mais diferentes demandas dos pais? Que objetivos devem ser perseguidos? Frente a tantas perguntas, respiramos fundo e lá vamos nós resignados e ansiosos planejar a reunião.

Reunião de Pais, momento esperado por alguns; para outros — geralmente com filhos mais velhos — momento de enfrentar a "eterna chatice" e tem ainda os ausentes: não vêm porque o(a) filho(a) não entregou o convite, não vêm porque já correm mais do que o coelho branco da Alice, ou porque acham que "vai ficar tudo como dantes no quartel de Abrantes". O certo é que, de uma forma ou outra, nenhum pai fica imune a uma reunião.

De cadeira, falo da dificuldade deste momento. Do mesmo modo que muito funcionários do colégio, tenho que dividir meu coração e minha cabeça no meio; não deixar de ser mãe e pensar e sentir como profissional da educação. Esta mesma dualidade traz uma certeza

e uma pergunta: claro que os dois lados querem acertar e se isto é verdade, então por que este momento se torna tão conflituado para ambos?

Da parte dos professores e demais profissionais da escola, tenho ouvido (e às vezes assistido) o quanto é insuportável o modo como as críticas chegam: com cobranças, ironias e agressões. Os educadores, que já não trabalham em situação muito favorável, têm que estar em condições perfeitas de temperatura e pressão para poder ouvir e discriminar o que está sendo dito, descontando aqui e ali, os eventuais abusos. Nem sempre isso é possível. Quando não é, o professor se arma, se defende e muitas das críticas — algumas bem procedentes — são desqualificadas.

É complicado definir o que move este grupo de pais a ter atitude. Por que este momento, que deveria ser tão rico, é aproveitado de forma tão desorganizada e catártica? Por que uma parte, nem sempre significativa, passa a ser representativa de uma maioria? Será que ao final de cada reunião o professor deve ficar com a sensação de desrespeito, desprestígio, como se os pais quisessem "ensinar o padre a rezar mis-

sa"? Finalmente, o que podemos fazer no sentido de reverter tal situação?

Nos tempos atuais é meio complicado propor "entendimento", esta proposta anda meio desgastada... Talvez a melhor sugestão seja a de que é essencial que todos se desarmem. Da parte dos pais, que eles pensem realmente na escola que escolheram para seus filhos; é mais ou menos como advogado e médico: ou se confia e se entrega ou se desconfia e nada se resolve. Se vale a pena investir (porque se acredita), que este investimento seja genuíno, com disponibilidade para erros e acertos, para críticas que levam à construção. Da parte dos professores e demais representantes do colégio, que o desarme também ocorra. Que eles percebam que, mais além da simples crítica, contamos com pais que querem se engajar, participar do projeto educativo da escola como um todo. Nesses a voz às vezes sai fraca e rouca, mas ela pode ficar audível e forte; com estes vale a pena fazer aliança.

Patrícia Rubim
Psicóloga – SOE

UMA MULHER CHAMADA LUÍSA

Domingos Oliver de Faria, CM.
Diretor Administrativo

Há precisamente 400 anos, nascia Santa Luísa de Marillac. É um nome um tanto desconhecido para muitos, embora seja o de uma das grandes benfeitoras da humanidade. A História ainda não lhe fez a devida justiça, diferentemente da Igreja, que a canonizou e a declarou Patrona de todas as Obras da Assistência Social.

Faltassem outros com sua voz, para uma reconhecida homenagem a Santa Luísa, no 4º centenário de seu nascimento, nós, do São Vicente jamais poderíamos faltar.

É que a Santa Luísa foi a alma irmã de São Vicente de Paulo, a que a ele esteve aliada em todas as iniciativas e empreendimentos e a que mais o compreendeu e apoiou. Não foi, porém, como poderíamos pensar, mera auxiliar ou coadjuvante, pois ele desenvolveu a seu lado e sob sua supervisão um conjunto de obras sociais de tal vulto que dificilmente as podemos apresentar num quadro único, para uma visão global.

Possuía uma cultura pouco comum em mulheres de sua época, com boas noções de filosofia e razoável conhecimento do Latim. Se era perita em pintura, arte que não chegou a desenvolver, era, sobretudo, um gênio de previsão e organização. Vivesse hoje, e mereceria contar-se entre os executivos de primeira linha.

A princípio, começou por auxiliar São Vicente na visita às Confrarias da Caridade, que o santo instituíra e que se iam estabelecendo em várias cidades. Faz-se presente em todas elas, para orientar, corrigir possíveis abusos e para estimular o zelo e a perseverança de quantos, nessas Confrarias, assistiam os pobres.

As Senhoras que ia encontrando e que, filiadas às Confrarias, se empenhavam na assistência a pobres e doentes, eram, sem dúvida, pessoas de extraordinária caridade e fé. A posição social delas, entretanto, dada a mentalidade reinante, não permitia que prestassem, a pobres e doentes, os serviços mais humildes de que careciam. Para tais tarefas, seriam necessárias pessoas de origem mais humilde e afeitas a trabalhos pesados e servis. Luísa o

percebe de imediato e começa a preparar, para essas funções, as primeiras moças do campo, as quais, conquistadas pela pregação de Vicente de Pau-



Santa Louise de Marillac

lo, se punham à sua disposição, ansiosas por se consagrarem ao serviços dos pobres.

Nascia assim nova Congregação Religiosa, bem diferente de quantas existiam. É que não havia, então, religiosas que não fossem enclausuradas, isto é, instaladas em convento ou mosteiro, do qual não saíam nunca, sequer para a prática da caridade. Em consequência, o mundo via-se privado de mulheres de grande competência e grande capacidade de abnegação e doação, impedidas de colaborarem, a não ser pela oração, na solução de problemas sociais de toda sorte.

As novas religiosas — que se denominariam, com o tempo, Filhas da Caridade — Luísa não dá hábito algum: vestir-se-iam como as camponesas. Nem as congrega em conventos, atrás de muros ou grades: lança-as, após curto período de formação, às ruas, para que entrem em contato com os pobres, os visitem em suas mansardas e os assistam com alimentos e remédios.

E, apenas crescem em número, Luísa as envia a hospitais, creches, asilos, prisões e manicômios, onde não apenas se instalam, mas, instruídas e orientadas por Luísa, vão levando a ordem, a limpeza, o conforto possível e,

sobretudo, o respeito pelos pobres e doentes, no reconhecimento da dignidade de cada um.

Nos hospitais, já não se veriam dois ou três amontoados na mesma cama, contagiando-se mutuamente. As crianças abandonadas, os meninos de rua seriam recolhidos, alimentados e instruídos. O inferno dos presos, que eram os cárceres de então, iriam humanizar-se, pois os encarcerados seriam servidos pelas Filhas da Caridade, que lhes lavariam os trapos ou os substituiriam por outros, que lhes preparariam as refeições e as levariam, em grandes marmitas, até onde se encontravam.

Nem os loucos seriam esquecidos. Não havia, na época, sanatórios psiquiátricos. O que havia era o chamado Grand Bureau de Pauvres, o qual não passava de um grande asilo, onde se amontoavam mais de quatrocentos pobres, homens e mulheres, com doenças de todo gênero, estéricos e loucos. As brigas eram contínuas e a convivência quase impossível.

Graças às providências de Luísa, a ordem se foi estabelecendo, os abusos cortados, de tal sorte que os administradores poderiam garantir: "que essas boas Filhas da Caridade tinham posto cobro a uma série de desordens, que ofendiam a Deus, destruíam os bens da casa e perturbavam os pobres doidos..." Se levarmos em conta que havia na Casa seis Irmãs para sessenta ou setenta loucos, teremos que admitir que os resultados obtidos fugiam a toda lógica, eram miraculosos.

Mas o milagre se devia a Luísa, à sua inteligência lúcida, à sua perspicácia, a seu inato sentido de psicologia, à sua capacidade de tudo prever e organizar.

Esse milagre ela o conseguiu, igualmente, em tudo que empreendeu em favor dos pobres, dos doentes, das crianças abandonadas, dos velhos condenados à solidão.

Onde havia dor, Luísa se fazia presente. Não houvesse vivido e seu mundo, como o nosso, seria menos humano, razão por que não podemos calar seu nome, na celebração do 4º centenário de seu nascimento.

TRIBUTO A UM GRANDE JORNAL

Jorge Luiz de Souza e Silva
Coordenador do 2º Grau – 1964 a 1983

Nestes tempos em que o *Jornal do Brasil* comemora, sob aplausos gerais, o seu primeiro centenário, tenho me lembrado, com freqüência, dos angustiados anos 70, mais precisamente da década 1968/1977. A razão parece-me óbvia: durante esse período, o JB foi o único dos grandes jornais do Rio que, nos limites das possibilidades, resistiu à ditadura militar, da mesma forma que o Colégio São Vicente de Paulo, de cujo 2º Grau eu era coordenador, foi o único — após a intervenção no André Maurois — que a combateu. Guardo, assim, do JB daqueles anos, a lembrança de uma espécie de aliado, de companheiro que lutava, lá do seu jeito, a mesma luta que nós, no colégio, travávamos a nosso modo. A coluna do Castello, o Informe e, sobretudo, os artigos de Alceu do Amoroso Lima, o saudoso Dr. Alceu, funcionavam como uma espécie de aval: se o JB que ia para as bancas podia dizer o que dizia, nós, dentro das paredes do São Vicente, podíamos dizer muito mais. Mas quando era o próprio jornal, como na histórica edição de 12 de setembro de 73, desafiava a censura, reportando, em primeira página de extraordinário impacto, o assassinato de Salvador Allende, que nos sentíamos respaldados e encorajados a continuar.

Assim como devia ocorrer com o jornal, nunca sabíamos como a repressão reagiria a esta ou àquela iniciativa. Umas, que nos pareciam rotineiras, eram reprimidas. Lembro-me, entre tantas, do curso sobre descolonização da África que o jornalista Paulo de Castro iria ministrar, a meu convite, mas que não passou da segunda aula, face à presença de um truculento cidadão que, após exibir as credenciais ao diretor do colégio, o Padre Almeida, disse-lhe que, “por ordens superiores”, o curso deveria ser imediatamente cancelado. E do telegrama do órgão de segurança do Ministério da Educação mandando sustar a pesquisa que fazíamos a respeito dos jornais, revistas e programas de televisão preferidos dos nossos alunos. A iniciativa inseria-se na comemoração do Dia da Ascensão que, naquele ano, teria como tema, por orientação do Vaticano, a importância da Comunicação Social. (Ao aparecer, pela última vez, aos apóstolos, Cristo disse-lhes: “Ide por todo mundo, pregar o Evangelho a toda criatura.”) Outras atividades, que julgávamos temerárias, não provocavam a menor reação. Por exemplo, a formatura dos secundaristas do Colégio de Aplicação da UFRJ, transferida para o São Vicente por não ter a diretoria daquela escola aceito o paraninfo escolhido pelos alunos, nada menos que Che Guevara. Apesar de alguns telefonemas ameaçadores do Comando de Caça aos Comunistas e das joaninhas da PM que, durante toda a solenidade, passavam em frente ao colégio, não houve qualquer tipo de problema.

Outro exemplo. Em 1968, o governador Negrão de Lima, no afã de esvaziar o movimento estudantil, antecipou o início das férias nas escolas da rede pública para os primeiros dias de junho. Para os alunos das terceiras séries, a parada de quase dois meses seria altamente prejudicial, face a proximidade dos exames vestibulares. Mas ao menos para os alunos do André Maurois a solução veio rápida: as aulas continuaram a ser dadas, pelos seus próprios professores, no São Vicente. Creio ser o único caso de uma escola pública funcionando, clandestinamente, numa escola particular.

São lembranças que o centenário do *Jornal do Brasil* fazem ressurgir na memória, motivadas, talvez, pela semelhança entre deveres de jornalista e professor, de um lado, e direitos de leitor e aluno, de outro.

ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS

Foi um rio que passou em minha vida.

Pedro Daniel Strozenberg
Ex-aluno – 1989

Só quem viveu e conviveu no São Vicente é capaz de sentir sua importância ou tamanho. Em cada passagem, recordações e saudades são sentimentos certos entre nós. Por isso pensamos na formação da Associação de Ex-alunos do colégio, trazendo como iniciadores, os formandos de 1990.

Neste palco, que ajudamos a construir, fizemos parte como segmento criativo e muitas vezes decisório. A tradição de Grêmio, teatro, atividades culturais e políticas se perde na falta de arquivo e desencontro das idéias.

Determinados a estimular o encontro ou reencontro dos ex-alunos, formandos do ano de 1990 realizaram um antigo objetivo de vários: a formação desta Associação. O grupo, imbuído do espírito de formadores de opinião e transformadores da sociedade, busca, enfim, fazer do passado o presente e o futuro.

Não buscamos uma Associação somente recreativa, será realmente um estímulo aos que estão entrando no mercado de trabalho ou aos que precisam de espaço nas diversas

profissões. Será um momento de lazer e troca de conhecimentos, através de palestras, conferências, atividades culturais e, por que não, "conversas de botequim".

Estimularemos também o reencontro de antigas turmas e professores, integrando-os da melhor maneira possível.

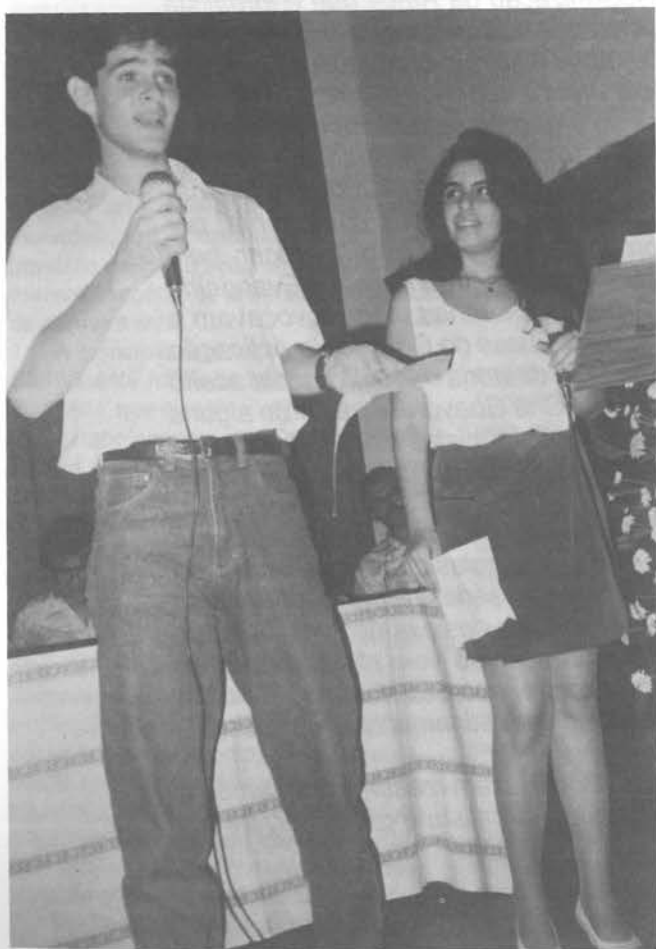
Estamos, assim, ocupando um espaço vago na comunidade do colégio. Sem interferir na atividade de nenhum segmento, mantemos nossa autonomia de decisão e posição.

Lembrando que a Associação não possui vínculos partidários ou pessoais é, sim, exaltadora do ex-aluno, promovendo oportunidades necessárias e possíveis.

Árduo trabalho, porém recompensador, é uma sólida esperança em corações e mentes dos que encontram nela a viabilidade de grandes projetos e infindáveis alegrias.

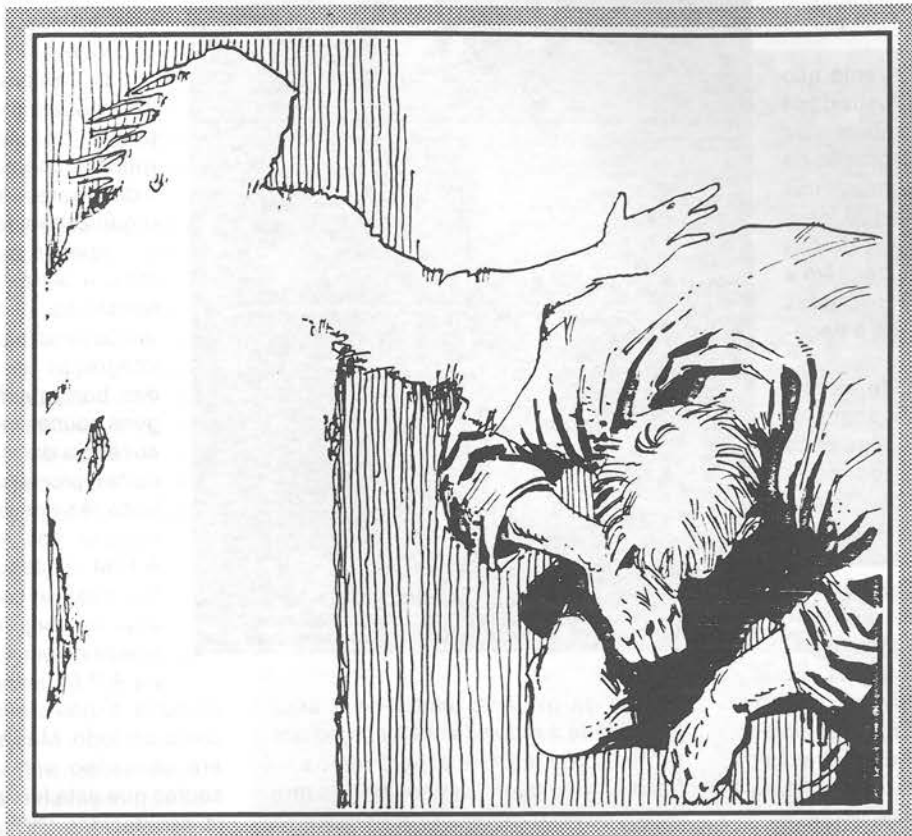
"Por isso que levo um invisível rio em minhas veias."

Pablo Neruda.



MINHA ESPOSA ME DEIXOU

Geraldo Antônio Cardoso Primo
Servente do CSVP



*Minha esposa me deixou,
De tristeza até chorei.
Prá relatar o motivo,
Palavra como eu não sei,
Ela nunca foi errada,
Eu juro que nunca erreí.*

*Eu, estando muito triste,
Nem aguentava falar.
Meu coração sofre dor,
Minha alma está no ar.
É coisa pior do mundo
Dois amantes separar.*

*Eu disse: vem cá, Rosinha,
Vem comigo conversar,
Se é que tu vai embora,
Eu mesmo vou te levar.
Se acaso você errou,
Deus quem vai te perdoar.*

*Eu só acredito em Deus,
Fora Deus vem mais nada.
Se minha esposa for embora,
É porque está enredada.
Se acaso houver feitiço,
Julgo estar enfeitiçada.*

*Ela, aí entrou pro quarto,
Sua trouxinha arrumou,
Procurando seus filhinho,
Um por um abençoou.
Chegando pertinho de mim,
O seu semblante mudou.*

*Ela despediu de mim,
Embarcou na baratinha.
Eu fiquei ali com Deus
E com as minhas criancinha,
Toda vida lastimando:
Ai, meu Deus, que sorte a minha!*

*Motivo de me deixar
Ainda não adivinhei.
Eu estava com o revólver
Quase me suicidei.
Depois entrei no meu quarto
Para Deus tudo entreguei.*

*Tenho agora outro amor.
A sorte é Deus quem destina,
Conhecida dos meus tronco
Desde o tempo de menina,
Tem apelido de Neném,
Nome próprio é Jovelina.*

*Eu gosto da Jovelina,
com ela tenho afeição.
Eu só me separo dela
Quando eu entrar no caixão.
Carrego um retrato dela
Gravado no coração.*

FESTA JUNINA – 1991

Há muito o Colégio São Vicente de Paulo não via uma festa tão significativa, tanto no seu aspecto de organização quanto de seu objetivo, como a festa junina deste ano.

A importância do evento não se coloca apenas na festividade do momento, mas também nas discussões sobre a integração da comunidade que ocorreram nas etapas de "fazer" a festa e de "pensar" a festa antes e depois de sua realização. Essas ocasiões têm a importância de serem explicitadas em seus pontos positivos e negativos do colégio.

A primeira etapa da festa foi a idéia de se unir todos os segmentos num só evento, o que se opôs ao costume dos últimos anos quando aconteciam três festas distintas. No início, os alunos do 2º Grau, apresentaram resistência a essa idéia e à participação da A.P.M., temendo perder o seu "espaço de decisão" na organização.

Após algumas discussões, alguns alunos compreenderam o objetivo real da festa, enquanto outros, infelizmente, só aceitaram a idéia através de argumentos como a falta de data para a realização de duas festas.

Iniciaram-se então as atitudes práticas, como a gincana, já que a parte da organização da estrutura ficara destinada à A.P.M..

A gincana sempre é um componente animador da festa, durante e mesmo antes dela, criando um clima de envolvimento.

No Ginásio percebeu-se grande participação e interesse principalmente das 5ª e 6ª séries que, assim como o 3º ano do 2º Grau, cumpriram praticamente todas as tarefas, terminando como campeões (54, 61 e 3º C).

A quadrilha, organizada pelo 2º Grau, foi o maior símbolo do envolvimento dos alunos: gigantesca, organizada e criativa.

A gincana durou a festa inteira, apesar dos problemas técnicos (precisamos de outro "Tremendão") e de organização. A comissão organizadora, que já era pequena, durante a festa, se dispersou em várias atividades (caixa, barraquinhas, atividades de suas turmas etc.) dificultando o andamento das



pois, além de não deixar espaços livres para outras atividades, tornou-a, em alguns momentos, exaustiva, dificultando a unidade das comissões: organizadora e julgadora.

No entanto, a maior dificuldade foi em relação à não participação dos alunos do Ginásio (principalmente de 7ª e 8ª séries) e dos representantes de turma na organização da festa.

Apesar de todos os problemas, a festa foi um sucesso: as turmas de 1º e 2º Grau tiveram um de seus maiores momentos de integração — na ornamentação das barraquinhas, junto com alguns poucos professores e pais. A ausência da maioria dos pais durante o processo de construção da festa fez-nos desejar maior participação dos mesmos, já que a A.P.M. (Associação de Pais e Mestres) se colocou como órgão ativo na conjuntura. É lamentável que as atitudes tomadas em nome da A.P.M. sejam fruto apenas da

diretoria e não do conjunto dos pais como um todo. Mas ao fim do processo, era consenso entre as pessoas presentes que esta foi das melhores festas já acontecidas SVP e, dentre todas a mais organizadas e abrangente Festa com verdadeira cara de São Vicente.

Ligia Barreto Gonçalves – 1º C

Luiza Marcier – 2º A

Niuxa Dias Drago – 2º C

Tereza Bredariol – T. 81



FESTA JUNINA / JULINA

Pe. José Pires de Almeida
Diretor

Tumultuado por uma greve de três semanas, o 1º semestre de 91 parecia pouco propício a um término festivo, tanto mais que, em se tratando de festa junina, os preparativos devem começar cedo.

Já ia alto o mês de junho quando se deu uma solene virada nos destinos de uma organização e se decidiu que haveria, sim, a festa, que seria, excepcionalmente Festa Julina. Ao Contrário dos anos anteriores, seria também **festa única**, com a participação de toda a comunidade: Funcionários, Mestres, Grêmios e Pais, todos sob a responsabilidade da Diretoria da A.P.M., assumiriam a preparação e a execução. Conquista árdua, mas enfim, gloriosa, pois o resultado esteve à altura das grandes realizações da Casa.

Previdente organização fez com que: a) as tarefas se distribuissem nos dias dos preparativos; b) as compras e demais despesas fossem previstas e debitadas à caixa da A.P.M. que centralizava também os recebimentos; c) os locais se distribuissem de modo que as várias "divisões" de alunos — os pequenos, acompanhados dos pais — pudessem usufruir de seu espaço geográfico no momento aprazado; d) as prendas e comes-e-bebes afluíssem abundantes e saborosos; e) as barracas, tão numerosas, (a maioria de empréstimo) se armassem e decorassem com tanto gosto; f) a animação a partir da monumental Ginkana, não deixasse tempo morto na festa...

E tudo — quase! — deu certo! O tempo esteve firme, permitindo as evoluções ao ar livre; as quadrilhas tiveram belo desempenho desde as dos pequeninos até a do 2º Grau; a frequência, surpreendente, 3.500 participantes em média; a colaboração das mães e a presença da Diretoria da A.P.M., nota dez; o resultado financeiro, apesar de despesas avultadas, em prendas, decoração, mão-de-obra, contratação de som, etc..., compensador, o que não se pode menosprezar já que a renda prevista destinava-se à obra social do morro Cerro-Corá, um projeto que vem unindo os ideais e os esforços dos vá-



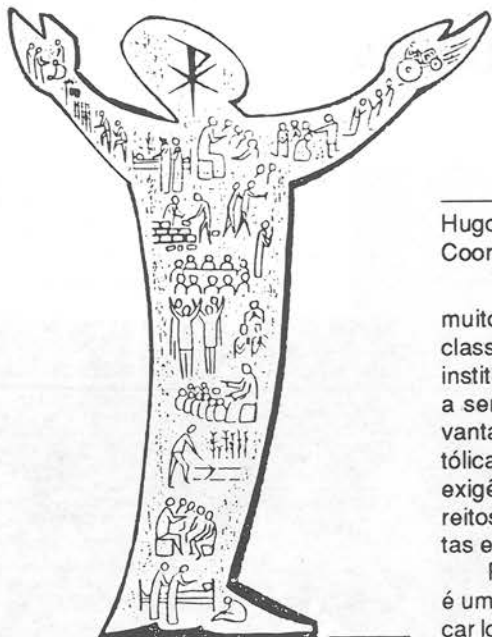
rios patamares da Comunidade Educativa.

Falhas, certamente as houve; houve queixas contra o sistema da entrada; contra o preço dos ingressos (apesar da devolução de 50% a quem viesse "caracterizado"); contra certo atropelamento nas subidas e decidas do ginásio coberto, tornadas exíguas diante da multidão; contra certos imprevistos e atrasos de última hora... paciência!

Mas os ganhos foram bem superiores: a ordem quase perfeita com que as levas se sucediam de 14-22h, o clima de família, a alegria da garotada, a ani-

mação da Ginkana, a participação dos Mestres, a (quase) total ausência de fogos de artifício; a união de toda a Casa numa só festa... nenhuma expressão poderá louvá-la adequadamente.

Parabéns, Diretoria da A.P.M.; Parabéns, Coordenações, particularmente a Comunitária; Parabéns, Grêmios e representações de turmas; Parabéns, Funcionários; enfim, Parabéns a todos nós que tivemos a alma gratificada por mais uma gigantesca laje, adicionada ao edifício vivo que é a Comunidade Educativa do São Vicente.



É O SÃO VICENTE UM COLÉGIO CATÓLICO?

Hugo de Vasconcelos Paiva
Coordenador Acadêmico

muito pouco católicas, estruturas de classe, barreiras entre ricos e pobres, instituições reprodutoras da sociedade a serviço de uma elite, que recebe as vantagens oferecidas pelas escolas católicas, mas não se compromete com as exigências da fraternidade, justiça, direitos humanos nas situações concretas em que vivem.

Pelo visto, dizer do São Vicente que é um colégio católico tanto pode significar louvar quanto desdém. Se é católico é bom, porque não visa o lucro, mas preparação para a vida, sólida formação intelectual e moral, garantia de seleção nos vestibulares das melhores universidades. Ao contrário, outros dirão que, se é católico, e bitulado, conservador, reacionário, tradicionalista, moralista, fechado ao que é moderno. Como se percebe, são muito os quiproquós possíveis, ligados à expressão "colégio católico". Mas se perguntam se o São Vicente é um colégio católico é porque há suspeitas de que não o seja. Qual a razão? Talvez não se reconheça nele aquele conjunto de condições que permitem rotulá-lo de católico de acordo com o clichê.

De fato, no São Vicente, a presença eclesial é tão discreta que mal parece uma instituição dirigida por padres. A educação religiosa toma rumos que não permitem classificá-la como doutrinação catequética. A disciplina é de tal sorte que fica difícil dizer que é formalista, autoritária, intransigente.

Se considerarmos que a significação etimológica do termo católico é **universal**, comecemos a entender em que sentido o São Vicente quer ser um colégio católico. Católico ou universal foi, primeiro, atribuído à Igreja de uma nação, de um povo, limitada por fronteiras territoriais, sociais, étnicas ou raciais. Ser católica é um dos modos de a Igreja ser cristã. Ela vê sua catolicidade como um dom ou exigência teológica de dar testemunho da universalidade da graça e da salvação, agindo no coração de todos os homens e nações, mas também como uma exigência histórica ou como uma tarefa. Depois da Reforma, o mundo católico de ser cristão levou a privilegiar a desconfiança e fuga

do que é moderno, a uma atitude de defesa, contra adversários presentes e passados, da ortodoxia ou sã doutrina, dos direitos da Igreja institucional e de suas tradições a respeito da prática dos sacramentos, da devoção aos santos, etc. Hoje, após o Vaticano II, o católico só será o que seu nome significa, isto é, universal, se favorecer e assumir o ecumenismo ou abertura às outras Igrejas, a capacidade inesgotável do diálogo com os homens de todas as culturas, sem excluir os ateus, a preocupação com as esperanças e angústias dos pobres à procura de uma nova fraternidade, de justiça e equidade, a valorização da experiência e vivência pessoal e comunitária da Fé.

É neste sentido que o São Vicente quer ser compreendido como uma escola católica: uma instituição a serviço da catolicidade numa sociedade secularizada e pluralista. Ser católico é para o São Vicente uma tarefa e uma exigência de máxima importância tanto na linha da mentalidade e da atitude espiritual e religiosa, quanto na linha da ação educativa e pastoral. Define sua vocação, antes de tudo, como uma vocação evangelizadora e catecumenal, e esta perspectiva lhe abre múltiplas possibilidades, num ambiente educativo global — casa paterna, cinema e teatro, meios de comunicação, grupos de lazer, etc. — que não é mais homoganeamente católico e, atualmente, nem pode ser, por mais que o lamentemos.

Nosso tempo não mostra muito apetite para a doutrinação, mas para o intercâmbio e o diálogo, para o acolhimento e a partilha, para a crítica e o discernimento, para a abertura do coração e a experiência pessoal e comunitária. O São Vicente será católico na medida em que conseguir pôr em evidência "a fecundidade durável da Fé para os desenvolvimentos de incalculável valor no domínio espiritual e ético, filosófico e artístico, jurídico e político aos quais a fé cristã dá lugar" (João Paulo II). Então ser católico não é um título, mas um caminho, uma tarefa sempre inconclusa, e, neste sentido o São Vicente não é católico, mas está procurando ser.

Quando perguntam se o São Vicente é um colégio católico, antes de responder é preciso saber o que está na cabeça de quem pergunta, porque a resposta depende do sentido que se dá a expressão "colégio católico". Como toda expressão a que se liga a palavra católico — greja católica, família católica, país católico — essa é também uma expressão ambígua.

Os homens da Reforma, por exemplo, tomavam católica como sinônimo de espírito mundano, da decadência e perversão do Evangelho, e, durante o nazismo, judeu, católico e latino era a trilogia usada para indicar a escória da sociedade. Enquanto na opinião de certos liberais, catolicismo é o mesmo que intolerância, intransigência, despotismo religioso, no meio popular, dizer de alguém que é "muito católico" equivale a dizer que tem bom coração, não prejudica os outros, é obediente ao Papa, ligado à paróquia, observante das leis da Igreja, preocupado com a expressão ortodoxa da Fé.

No Brasil, há variadas maneiras de ser católico: o padre é católico, a freira é católica, o sacristão é católico, mas igualmente o pai-de-santo é católico. Enfim, há aqueles que são muito católicos, os que são mais ou menos católicos e o infinito número dos que são católicos mas não praticam.

Enquanto muitos religiosos e religiosos educadores continuam a acreditar que suas escolas são instrumentos válidos de educação católica, outros e outras as abandonaram, preferindo o trabalho missionário em regiões mais pobres, porque passaram a vê-las como

O QUE É LIBERTADOR NO SÃO VICENTE?

Carlos Henrique Carrilho Cruz
Coordenação Comunitária

Talvez eu não seja a pessoa mais indicada para tecer comentários ou dar uma resposta ao questionamento acima. Mas creio, também, que algumas reflexões feitas por quem vem de fora e está há pouco tempo no Colégio, podem ajudar a ver algumas situações por outra ótica, o que é bom para análise da prática educativa do São Vicente.

Vou dividir minhas considerações em alguns itens para facilitar a análise:

1. A proposta educativa do Colégio é, sem dúvida nenhuma, libertadora. O Colégio tem uma tradição memorável de luta pela liberdade e creio que foi a idéia marcante que o São Vicente projetou em todos os que o conheciam, sem vivenciá-lo por dentro. Percebe-se claramente a influência que ainda hoje existe desta tradição que marcou o São Vicente. Creio, contudo, que a prática educativa, para ser mais coerente com a proposta, deve insistir mais nos aspectos relativos à justiça social, bem comum, solidariedade, fraternidade, respeito à coisa pública. Nota-se que os alunos, procedentes de uma classe social que, historicamente não tem dado importância a não ser às coisas que lhe dizem respeito pessoal e individualmente, não tem muitas preocupações com esses valores citados acima. Percebe-se uma atitude de descaso coletivo — embora não se possa absolutizar a afirmativa — com as coisas que dizem respeito à coletividade, instalações, equipamentos, limpeza de espaços coletivos.

2. Corpo Docente de excelente desempenho acadêmico. Nota-se que os professores do São Vicente são muito bons, alguns estão entre os melhores de sua disciplina em nossa cidade. Mas há um longo trabalho, ao que me parece, a ser feito quanto à vivência da proposta educativa, através das disciplinas (o que, diga-se de passagem, é uma utopia, vale dizer, uma idéia-força que só é alcançável a longo prazo e parcialmente, mas necessária à existência do Colégio). Há que se fazer um trabalho mais sistemático e articulado para se conseguir uma prática educativa mais coerente dos professores em sala.

3. Relações internas. Percebo três situações distintas: Os professores entre si e com os alunos têm boas relações. As dificuldades de disciplina, creio que sejam normais, aqui, como em qualquer colégio que trabalhe com a clientela que ele atende. A Direção com os Professores mantém boas relações. As tensões que acontecem em períodos de greve são comuns e normais, não senti nada de especial. Prevalece a liberdade de expressão, em que pesem alguns excessos, (que entendo como normais - embora não desejáveis) que são causados pela tensão que o momento político-social e a situação financeira dos professores provocam.

As relações Administração-Professores e Professores-Administração são o ponto mais crítico neste aspecto. Creio que a prática administrativa, embora correta e legal sob o ponto de vista jurídico, não assume uma prática evangélica da Educação Libertadora. O problema não é no ou do São Vicente; é um problema comum, infelizmente, a muitas Escolas. Mas, aqui, ao lado de um aspecto tensional, há um muito positivo: apesar das tensões com a área administrativa, há continuidade da proposta educativa, enquanto que, em outros lugares, há interrupção, por causa das mesmas tensões.

4. Alunos. Um dos pontos altos: criativos, autônomos e seguros. Têm uma força aglutinadora nos GRÊMIOS, o que é um forte sinal da presença da ação educativa da Escola. Os problemas apresentados de indisciplina, falta de motivação para estudo, algumas atitudes desrespeitosas, para mim, estão dentro da normalidade e denunciam alguns aspectos da proposta educativa ainda não vivenciados, conforme disse no item referente a Proposta Educativa.

5. Atividades curriculares. Entendo, aqui, Currículo como o conjunto das práticas que a Escola aceita ou propõe desenvolver para colocar em prática sua Proposta Educativa. O que senti logo no primeiro contato com os professores, na Jornada Pedagógica é que falta PLANEJAMENTO à ação do Colégio. Planejamento não se confunde com agendismo, cronogramismo ou coisas semelhantes. Muito menos, con-



forme percebi em alguns comentários, limita a ação criativa ou a vivência dos aspectos positivos da realidade. Pelo contrário, a linha de planejamento que defendo dá sentido, organização, coerência e intencionalidade às ações da Escola. Oferece critérios de seleção e avaliação das ações que realmente vão fazer acontecer a Proposta Educativa do São Vicente. Há muita coisa que se faz ou se propõe no Colégio que não é libertador, que não ajuda a fazer crescer o projeto educativo. Uma ação pedagógica planejada participativamente com os professores, ajudaria muito a que eles refletissem mais e se comprometessem mais com o processo educativo e apresentassem eles mesmos as soluções para muitos dos problemas que não são resolvidos há muito tempo. É mais fácil assumir o que se decide participativamente, do que cumprir o que foi decidido por um grupo "pensante". Mas creio que não há ainda possibilidade de se propor a realização de um planejamento participativo.

Finalizando, eu diria que, no todo, pode-se afirmar que não só a proposta escrita, mas — apesar das contradições e incoerências — a prática tem muitos aspectos libertadores, que devem ser reforçados. Os não-libertadores deveriam ser gradativamente "corrigidos" num processo (assumido por toda a equipe educativa da Escola) a que poderíamos chamar de planejamento participativo.

Quem sabe, um dia, a gente chega lá!

TEATRO INFANTIL

Lauro Basile
Coordenação – Teatro Infantil

Recentemente um grupo de alunos do Curso de Teatro Infantil se apresentou na UNIRIO — Universidade do Rio de Janeiro, junto ao Centro de Letras e Artes integrando um seminário intitulado "Encenação — o trabalho do ator-criança na visão do Teatro-Educação" proferido por mim. A aceitação do trabalho e o desempenho dos alunos foi visto de forma tão positiva que fomos convidados a retornar à UNIRIO apresentando novo trabalho e dois dos alunos que participaram do elenco tiveram seus nomes cogitados para fazerem parte da montagem de um espetáculo da própria universidade.

Acredito que a cada curso realizado, com o apoio do Colégio São Vicente de Paulo e dos responsáveis dos alunos, possamos crescer muito mais e contribuir na Educação desses que serão o nosso futuro.

O Curso de Teatro Infantil em momento algum se preocupa em formar atores, pois não é esse o nosso objetivo — ser ator implica em algo muito maior — mas sim de acender uma chama à capacidade criativa que cada um possui, utilizando-a então nas apresentações dos textos que realizamos, onde cada

aluno tem seu potencial próprio respeitado, onde todos, sem exceção, possam participar. Cada personagem não será visto como somente um objetivo a atingir mas o personagem deverá ser atingido com o que e como o aluno poderá representá-lo, a seu modo, com sua força interna, respeitando o seu jeito de criança e não sendo um adulto em miniatura.

A introdução dos conceitos passa pela realização de jogos-exercícios seguido das explicações dos objetivos de cada um. É interessante notar as observações que o aluno faz de seu próprio corpo e de seus colegas, tais como, por onde passa a linha de equilíbrio, com o que se parece a respiração e quantos pontos de apoio podemos ter. Cada nova descoberta é valorizada, sendo aplicada em novos exercícios. O aluno com isso também se sente valorizado e recebendo um reforço para que possa se colocar cada vez mais. Permitindo que se sinta apto, sente que ganhou confiança em si próprio através do grupo e por si só.



Existem palavras chaves que o ator não pode esquecer, não só a nível de memória, quanto a nível de vivência, de conscientização, para que possa, a partir daí, aprimorar e desenvolver sua capacidade artística direcionando-a a um objetivo específico — o de representar.

Partindo desse princípio, as primeiras orientações que os alunos do Curso de Teatro Infantil recebem são: observem os pontos de apoio, o equilíbrio do corpo e a respiração, mantenham a atenção, a concentração e o ritmo. Esses seis pequenos conceitos serão norteadores de todos os trabalhos e, após serem incorporados, conviverão naturalmente com o modo de agir do aluno, não somente restrito às aulas mas também ao seu dia-a-dia.



Teatro Infantil
Fotos de Lauro Basile

AS ARTES DA EDUCAÇÃO



Lauro Basile
Coordenação – Teatro Infantil

Muitas vezes, de olhos fechados, me vejo lembrando das cenas/situações que vivi. Com saudosismo, fico pensando o quanto tantas e tantas experiências vividas contribuíram para o meu desenvolvimento. Lembro na inocência da infância que achava o mundo maravilhoso — pelo menos o meu mundo - e, hoje, me dou conta do que o Brasil vivia naquela época — *Noventa milhões em ação, prá frente Brasil, salve a seleção....* Quanto para lembrar, tanto do que foi.

A Educação era voltada para um simples objetivo — o conteúdo das disciplinas era o que importava, o mestre era o dono da verdade, o aluno, a esponja que deveria, vorazmente, absorver tudo que lhe era ensinado. Eu sabia de cor todos os afluentes do rio Amazonas, a população de cada estado e todas as datas cívicas. Tudo decorado como mandava o figurino (e olha que eu era um excelente aluno, o que hoje em dia seria considerado CDF). Mas, me pergunto: E agora José? O que fazer,

por exemplo, com as “fantásticas” aulas de artes e música que tive? Todos na minha turma faziam o mesmo trabalho de presente para o Dia do Papai, para o Dia da Mamãe e decoravam suas músicas-homenagens, assim como o tradicional *De olhos vermelhos, de pelo branquinho....* que cantávamos em todas as Páscoas. O ensino era direcionador do que era permitido pensar.

Hoje, muito mudou e muito haverá de mudar e ser mudado. Cada volta que o mundo dá faz parte da espiral da evolução que não é estática, é dinâmica e expansiva. Mas, por que falar de todas essas coisas? Por que ficar lembrando o passado? Talvez, para sinalizar que as coisas mudaram. O que mais nos interessa, no momento e neste artigo, é justificar a importância do ensino de Artes nas escolas. Uma escola que anda desacreditada, num país que anda desacreditado, onde o que sentimos está um tanto perdido. Uma educação através da arte, que parta da expressão de sentimentos e emoções é a que deve

ser proposta. Não uma educação de treinamento para ser artista, mas onde a arte permita uma sensibilidade maior para o mundo em que vivemos. Onde o homem entenda da necessidade de repartir, aprimorando o seu modo de conviver. Uma educação inserida no contexto cultural que permita entender como interpretar a realidade e transformá-la segundo suas necessidades. Para interpretá-la temos que dialogar, saber se exprimir e sentir. Sentir é a primeira forma direta da apreensão do mundo. É a arte que nos permite expressar de forma mais pura o sentir, pois ela é a criação da forma procurando simbolizar o sentir do homem. Se permitir sentir implica diretamente no se possibilitar sentir o outro, aprendendo a respeitar suas idéias e ideais, Arte-Educação tem a ver com um modelo educacional, baseado no desenvolvimento pessoal inter-relacionado com o crescimento grupal na construção da Vida.

QUARTA PORTA – À DIREITA

Coordenação Comunitária

Anamaria Prado
A.P.M.

Para lá todos se dirigem.

Atualmente é o endereço — se podemos dizer assim — mais conhecido do São Vicente. Meio cartola de mágico, meio caixinha de Pandora, mas lá tudo sai planejado, funcionando a tempo e a hora, mas só Deus sabe como!

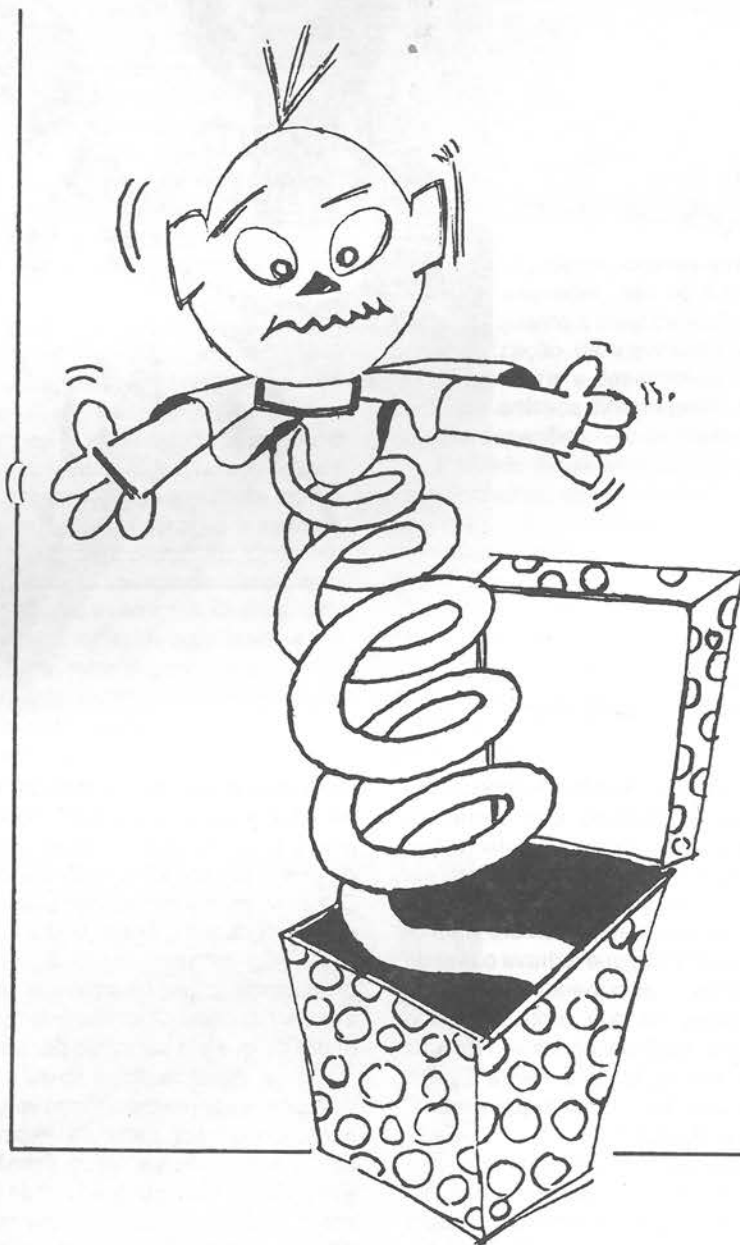
Sala pequena. Às vezes mais parece um *brechó* de idéias. O que você imaginar, lá você encontra ou, então, se cria e se copia, mas a coisa anda. É um entra e sai de aluno, ex-aluno, Professores, Coordenadores, A.P.M. e até o Diretor, Pe. Almeida, dá lá sua passadinha.

Nunca se sai de mãos vazias, pois se a solução não é dada na hora, tenha certeza, ela não demora: excursões organizadas, celebrações e festas programadas e executadas.

Empenho, dedicação, planejamento, crença, prática participativa servem para definir a atuação daqueles que, comunitariamente, se unem e unem todo o São Vicente.

O trio é elétrico, mas cada um tem o seu tom — Arthur — Graça — Carrilho — dividem-se e sub-dividem-se para conseguir atender a tudo que propõem ou que lhes é proposto. Nada para eles é difícil, há sempre um jeito de se fazer, de tentar resolver. Criatividade e fôlego sobra na pequena sala.

Durante este ano, tão difícil, onde o desânimo foi constante e marcante e a crise coletiva aumentando, os que por ela passaram saíram mais animados, outros conso-



lados, vários estimulados a continuar lutando, outros tantos acreditando que dá para prosseguir no ideal e você — Quarta Porta — à direita — sempre trabalhando, buscando transformar.

Hoje, um obrigado imenso de todos os segmentos que você busca integrar ao sentido de solidariedade, à reflexão e à transformação para que consigamos uma comunidade mais unida e fraterna.

SÃO VICENTE DE PÁSCOA

Lourdinha – S.O.E.

No dia 13 de julho, realizamos nossa Páscoa em comunidade. Ela foi preparada em meio a nossos encontros, conflitos, lutas e vitórias do primeiro semestre. Na busca de refletir sobre o desenrolar de nosso cotidiano, no esforço de não desanimar diante dos obstáculos que têm acompanhado muitos momentos deste ano crítico, procuramos responder aos desafios que nos foram apresentados.

Há quem diga que na conjuntura atual presenciamos ao desmoronar do sentido. Observa-se uma desproporção entre a força dos acontecimentos e nossos instrumentos para os entender. A justiça, a igualdade, a liberdade, o compromisso com a verdade, a responsabilidade pelo outro; onde estão colocados estes valores na reordenação mundial?

Como é possível viver sem um sen-

tido para a vida?

São questões que vão se inserindo sorrateiramente em nosso dia a dia.

Os jovens são extremamente sensíveis aos movimentos da história.

O que está realmente valendo neste momento no Brail e no mundo?

Enfim, a Páscoa veio sendo preparada e construída a partir de nossas vivências, engajadas no tempo, e foi nesta perspectiva que a equipe de coordenação comunitária pensou em colocar como eixo desta atividade a proposta educacional do Colégio: a educação para a responsabilidade, para a nova cidadania, para o serviço e a caridade, para a justiça e o compromisso social, para a transformação. Uma parada para reafirmar valores, atualizá-los, refletir a mensagem do Evangelho neste momento e neste lugar.

Um mural foi montado e fomos, a cada ponto da formulação de nossa filosofia — destacados de um texto apresentado aos pais — colocando práticas educativas realizadas na Escola. Retratos de nosso enfrentamento diante do desafio de criar uma alternativa libertadora e evangelizadora na educação.

No dia 13, compareceram à cerimônia professores, funcionários, alunos, senhoras da Associação das Voluntárias da Caridade e as diretorias da Associação de Pais e Mestres, da Associação de Professores e do Grêmio do II Grau — recém-eleita.

Foi uma oportunidade de comunhão e participação.

Confraternizados, almoçamos juntos num clima de alegria e entrosamento muito gostoso e lá estavam as malas do pessoal que pôde espichar um pouco mais aquele convívio fraterno e passar o final de semana em Mendes.

Valeu. Continuamos a sentir os frutos desta Páscoa no dia da reflexão que o Conselho Pedagógico realizou em 3 de agosto, assim como no desdobramento deste em reuniões nos diversos segmentos da Escola.

Tudo vale a pena quando é grande o Amor que nos reúne.



Páscoa – 1991



BIBLIOTECA INFANTIL O SONHO QUE VIROU REALIDADE



Acalentávamos durante "séculos" o grande desejo de criar um espaço especial onde pudéssemos dar asas à criatividade, para desenvolver uma dinâmica sedutora, capaz de estimular na Criança o interesse pela literatura.

Durante nove anos mantivemos a esperança e lutamos para conquistar a Biblioteca Infantil para os Alunos de 1ª à 4ª série. Persistentes fizemos quatro projetos diferentes que acabaram na gaveta.

Enquanto o ideal não era conquistado outras medidas paleativas foram aplicadas, com o propósito de manter a intimidade entre o Livro e a Criança. Usamos a biblioteca dos "grandes". Ai, que lugar severo para os "miudinhos"! Até os carrinhos de café foram, com a ajuda dos funcionários Valério, Darcy e Eurípedes metamorfoseados em atraentes barraquinhas — verdadeiros *displays*, Biblioteca Volante!

Agora, a Criança nasceu! Foi no dia dedicado a Andersen.

A mudança das aulas de Artes para novo prédio adrede construído deixou vago precioso espaço sob o ginásio de esportes, alegremente adaptado à nova função de sede da Biblioteca Infantil.

Agradecimentos da "galera" à direção administrativa pela pintura, pelos móveis novos, o filtro, o ar refrigerado, as estantes, os murais.

Da A.P.M. conseguimos uma boa "graninha" para comprar o gravador e o material para confeccionar almofadas e cortina.

A inauguração foi solene com discurso da Lurdinha, corte de fita pela bibliotecária Tia Zezé e Anamaria, presidente da A.P.M.. Até um grande fotógrafo compareceu para fazer a cobertura da efeméride — o Pe. Almeida (a foto anexa ao artigo é dele).

Um elegante coquetel regado a suco de uva acompanhado de quentinhas e douradas pipocas feitas pela Benedita, também foi um presente da A.P.M..

Nossas amigas Mariucha e Marília, da Livraria Pé-de-Página, nos honraram com suas presenças e nos presentearam com dois lindos fantoches em azul e prata. Uma jóia!

Da Enciclopédia Britânica, a Rosi nos trouxe, além da sua amizade, um enorme globo inflável. Ficamos contentes.

A salinha ficou aconchegante, supermoderna, cheia de graça, ou seja: uma gracinha!

Hoje, a biblioteca está funcionando *full time* sob os cuidados da Professora Eliane, fada responsável pela transformação das aulas em momentos de prazer e encantamento.

A propósito, através do relatório da Professora Eliane, tivemos os seguintes informes:

- no mês de abril foram emprestados 860 livros;
- no mesmo mês 108 livros foram levados para casa, por dia.

Isto é incrível!

Aos padrinhos e madrinhas do Nosso Cantinho de Literatura Infantil, o muito obrigado dos Alunos do 1º Grau I.

Marlene Lydíia Bluhm
Coordenação — Atividades Extraclasse



PRIMEIRA EUCARISTIA PARA QUÊ?



Prof. Sergio Maia
Equipe da 1ª Eucaristia – 1991

É um fato incontestável que um grande número de alunos que fazem a Primeira Eucaristia não perseveraram por muito tempo na frequência aos sacramentos.

A Equipe responsável pela Pastoral da Primeira Eucaristia, em sucessivas reuniões, tem refletido este sério problema Pastoral da Igreja e do nosso Colégio que é confessionalmente católico.

Além de outros fatores, parece ter grande influência uma valorização vizando em demasia ao dia da Cerimônia da Primeira Eucaristia e não dando uma importância maior a uma autêntica iniciação na vida da Comunidade Cristã.

É necessário que a preocupação doutrinal ceda o primeiro lugar à autêntica iniciação, isto é, a introdução na vida da paróquia, da Comunidade que se reúne frequentemente.

Também se torne indispensável que se verifique a visão familiar da FÉ, de Igreja e o compromisso com essa mesma Fé.

NESTE SENTIDO, O GRANDE TRABALHO DA INICIAÇÃO DEVE SER FEITO JUNTO À FAMÍLIA DOS ALUNOS, MAIS DO QUE COM O PRÓPRIO ALUNO.

É interessante observar que os alunos de famílias habituadas a se reunirem em assembleia e comprometidos com a Comunidade, facilmente se integram no processo de preparação e perseveraram, isto é, continuam amparados pelo testemunho da Família.

Os alunos de Famílias não iniciadas e cujos pais são descomprometidos oferecem grandes dificuldades na Iniciação. Com efeito, como iniciar estes Alunos se eles dependem e convivem com pessoas para as quais a Eucaristia é de somenos importância?

O trabalho principal será, pois, a iniciação dos Pais ou, pelo menos, de alguns responsáveis pela criança, SEM ABANDONAR O CULTIVO DA FÉ DO PRÓPRIO ALUNO.

A iniciação não se verifica pelo grau

de conhecimentos doutrinários que o aluno possui. A própria dificuldade causada pela Família dará ocasião para mostrar aos alunos que não é possível tomar parte do banquete sem ter decidido pertencer à Família eclesial que se reúne para celebrar.

Portanto, O TRABALHO DOS CATEQUISTAS É COMPLEMENTAR, isto é, de membros da Comunidade que colaboram com as Famílias na educação para os valores comunitários da celebração.

QUESTIONAMENTO SÉRIO!

Fica uma pergunta: como dar continuidade, se a Paróquia é desprovida de clubes, de grupos jovens capazes de acolher as crianças?

Há um problema que se coloca quanto às Primeiras Eucaristias em colégios e capelas ou santuários, caso estes não sejam o lugar que reúne regularmente os pais para a Eucaristia semanal.

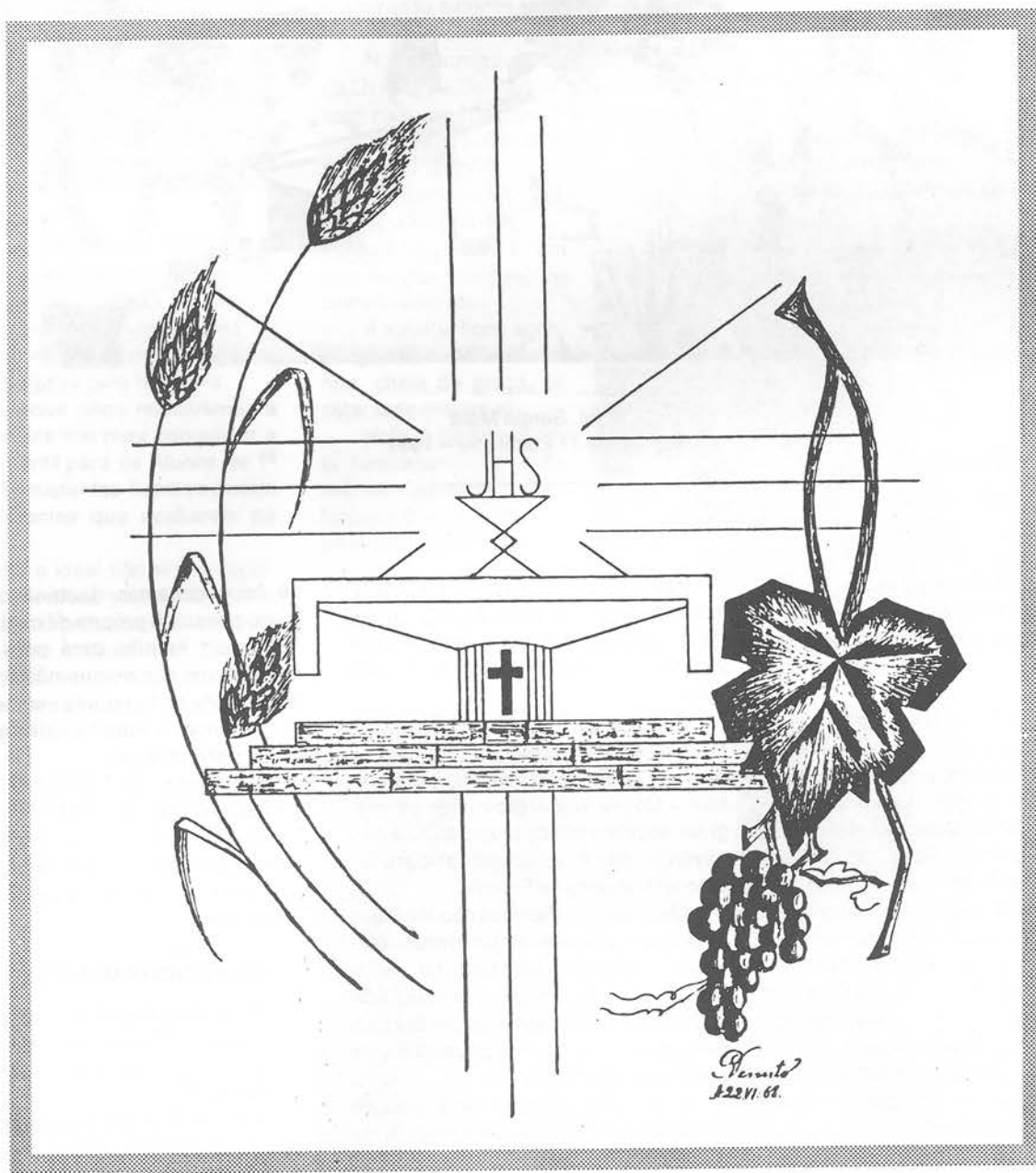
Que tipo de trabalho eficaz pode ser feito nos vários grupos que se preparam para a Eucaristia no nosso Colégio, se recebemos, predominantemente, dois grupos distintos de alunos numa mesma turma: alunos cujos pais são frequentadores ocasionais ou são descomprometidos? Salientamos, por outro lado, a contribuição positiva que é dada pelos alunos cujos pais são habituados a se reunirem e são comprometidos

com a Fé. Quando tudo isto é percebido e o processo de conscientização se faz difícil, sugerimos à criança ou ao grupo de alunos que adie sua Primeira Eucaristia até que se possa ter um mínimo de base sólida e responsável no sentido de que esta não se reduza a um ato passageiro.

A equipe da Primeira Eucaristia, assim comprometida com todas estas orientações refletidas no documento da

C.N.B.B. (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), organizou os preparativos da Primeira Eucaristia para os alunos, a partir da 5ª série, sendo estes o de maior número. No entanto, há vários alunos de 6ª série até o 2º Grau inscritos, neste ano de 1991.

Tudo isto em comum acordo com a C.N.B.B., a Coordenação do Serviço de Orientação Religiosa e a Direção do Colégio.



REUNIÃO DE REFLEXÃO DOS PROFESSORES DO 2º GRAU

Zacarias J. Gama
Coordenação – 2º Grau

Foram explicitados vários pontos com os quais os presentes concordaram e os tornaram consensuais. Esperamos, a partir de agora, que eles estejam presentes em nossas práticas pedagógicas em geral, de modo mais convicto e seguro.

Vamos a eles:

1— Nossa proposta educacional não quer reproduzir a sociedade liberal capitalista nem quer ser rotulada como tal, porque a prática de uma educação liberal privilegia as vontades individuais com um fim em si mesmo; o ter em detrimento do ser; e, além de outras coisas, o primado do *laissez faire* limitado apenas pela direito individual do outro que pode fazer o que quer e o que bem entende em sua circunscrição individualista e egoísta.

Nossa proposta educacional quer realizar os princípios da liberdade como valor universal, a justiça social e contribuir para a formação de uma sociedade de homens livres e iguais que se relacionem de modo dialógico, responsável, crítico, consciente, altruísta, fraternal, justo, cooperativo, participativo, etc. E, nesta nova sociedade, o limite da liberdade deverá ser o respeito e o compromisso social; liberdade não será confundida com libertinagem nem decisão livre com capricho. A liberdade será uma conquista permanente, aperfeiçoando-se dialeticamente, a partir de várias motivações, da reflexão constante e das opções preferenciais feitas.

2— Para a realização de nossa proposta educacional, enquanto prática de libertação e de construção de uma sociedade de homens livres, algumas exigências tornam-se fundamentais, e, se não são evidenciadas, coloca-se em risco a proposta inicial.

a) A escola é local privilegiado de formação para a cidadania, mas não é o único nem pode ter a veleidade de pretender monopolizar esta prática, a menos que queira se impor autoritaria-



mente. A partir deste dimensionamento, o Colégio São Vicente de Paulo não pode deixar de ser um destes espaços privilegiados de formação para a cidadania, porém precisa ter convicção do tipo de sociedade que quer, bem como do tipo de homens que será o sujeito histórico dela.

b) As práticas pedagógicas dos professores precisam estar engajadas, articuladas com a proposta libertadora que se busca realizar. Se isto não ocorrer, corre-se o risco de o poder do professor — que deveria ser apenas ins-

trumento da ordenação e envolvimento de todos em um dado trabalho — descambar para o autoritarismo puro e simples que leva o aluno a estudar sua matéria isoladamente até atingir graus de excelência pessoal, isto é, um exercício alienado e produtor de alienações permanentes.

c) O aluno precisa estudar mais instrumentalizando-se para a prática da libertação e da construção de uma sociedade de homens livres. Se ele não for exigido a buscar soluções novas para problemas velhos e crônicos; se ele não estudar para superar o presente cheio de estruturas viciadas e reproduzidas de injustiças, as permanências vão se cristalizando e os homens apenas inserem-se na sociedade sem consciência crítica, submissos ao fatalismo histórico, como se ele existisse.

3— Quanto aos aspectos disciplinares ficou claro que a disciplinação não é um fim em si mesmo, mas é indispensável para possibilitar a concretização da proposta educacional do colégio.

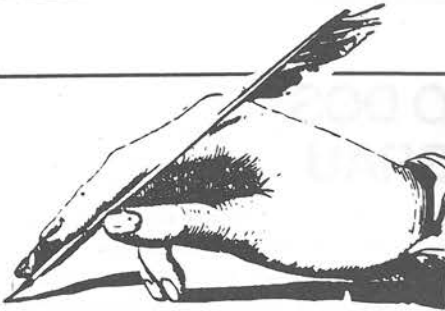
Ao invés de códigos rígidos de disciplina e das normatizações, o grupo de trabalho propôs:

- a clarificação do tipo de Educação com prática de libertação social por todos os membros da comunidade educativa;

- o estabelecimento de normas, regras mínimas, que possam orientar seguramente a realização da proposta educacional.

Finalmente fez uma advertência importante: a **inexistência de interiorizações gera a pluralidade individualista e egoísta que distorce nosso projeto fundamental, em torno do qual nos alinhamos.**

Colegas, estas foram as conclusões dos que participaram. Esperamos que também passem a ser suas e que sejam enriquecedoras de seu dia-a-dia aqui e onde você estiver ensinando a alunos, quaisquer que sejam eles e suas escolas.



PINGOS E RESPINGOS

Marlene Lydia Bluhm
Coordenação – 1º Grau I

POSSE

No dia 29 de agosto tomou posse a nova Diretoria do Minigrêmio do Colégio. Comemoramos com hino, faixa e discursos do Pe. Marcelo e da nova presidente.

A Diretoria do Minigrêmio eleita ficou assim formada:

Presidente – Carolina Corrêa de Araújo Pinho

Vice-Presidente – Bernardo Ceveró

Secretário – Cícero Andrade de Lima Pedrosa

Tesoureiro – Guilherme Barbosa Pereira de Souza

Mãos à obra!

Sucesso e muita sorte!

UM SÁBADO DIFERENTE

Asturminhas de 1ª à 4ª série vieram para o Colégio.

E, o que encontraram?

... um palhaço colorido que andava num monociclo, fazia mágica de mentira e chorava espirrando lágrimas. Divertidíssimo!

... mimos, um teatro de mímica, onde os artistas ensinavam como fazer a mímica.

Todo mundo tentou e adorou!

... visita de gente importante. Conhecemos autores de estórias infantis. Eles vieram para conversar com as crianças e mostraram que autor de livro é gente de verdade.

Álvaro Otoni,

Luís Pimentel (pai de aluno),

Luciana Sandroni e

José Mário Tamas (ex-alunos do Colégio) e Tânia Cozi.

Nós gostamos de vocês.

... a autora Ana Claudia Cordeiro Siqueira, que escreveu A Lua Namoradeira, veio contar sua estória em

forma de cinema. Foi muito interessante!

Os alunos prestigiaram com atenção e silêncio participando ativamente de todas as atividades.

Mariucha e Marília (mães de alunos), da Livraria Pé-de-Página, parabéns! Que linda feira de livros vocês trouxeram!

A PARADA QUE VALEU

Os professores de 1ª e 2ª séries, no dia 09 de setembro resolveram estudar. Leram um texto importante sobre a Filosofia do Colégio e outro sobre a participação Coletiva e Ativa na Escola.

Houve troca de idéias e sugestões. Repensamos nossa Educação Libertadora que por muitos é entendida erradamente como Liberal.

O trabalho foi rico e altamente produtivo. O tempo foi curto para discutir assuntos tão importantes.

Vamos dar prosseguimento. Quando, não se sabe, mas que é preciso, isto é!

MAQUETES

Os alunos de 1ª série são arquitetos. Já montaram maquetes de suas salas de aula. É assim que no Colégio começamos a História e a Geografia.

Todos trabalharam com interesse, capricho e cuidado para não esquecer os detalhes importantes.

Parabéns! O trabalho vem sendo admirado e elogiado por todos que vêm ao 4º andar — espaço criado para mostrar do que nossos alunos são capazes.

... maquete vem sendo a onda neste bimestre. Foi tema de trabalho na 3ª, 4ª e também na 7ª séries. Foi tão bonito ver que em cada faixa de idade os alunos traduzem seus conhecimentos sobre o espaço.

APOIO

A criançada da 1ª e 2ª séries já descobriu o valor das aulas de apoio e com grande interesse tem comparecido e participado. Grandes progressos sempre é tempo de recuperar. Vamos continuar.

ARTISTAS

Lauro Basile, nosso professor de Teatro, Música e Artes participou de um concurso de fotografias e teve sua foto publicada numa das mais importantes revistas do ramo. Artista é assim mesmo!

E a Suely Lima da equipe de Artes Plásticas? Seus trabalhos de jogos em barro estão expostos na Mathias Marcier. Sucesso Suely!

É UMA QUESTÃO DE SAUDADE...

A Professora Maria Tereza ainda não teve possibilidade para voltar à Escola. Ana Carolina já tem 9 meses, mas ocupa todo o tempo da mamãe que continua de licença...

E Wilmary, será que vai pelo mesmo caminho? Matheus também exige muito a presença da mamãe, mas este ainda tem 2 meses.

ESTUDOS SOCIAIS NA VIZINHANÇA

A Panificação Rainha acolheu os alunos de 2ª série que estavam curiosos pra ver como se faz "Pão Gostoso". O Professor foi o Sr. Nelson, fornecedor do Colégio. Usando linguagem didática e mostrando seu conhecimento, foi ouvido pelas crianças que reconheceram que ele sabe das coisas.

Ele é do ramo.

VOCÊ SABIA?

Humberto Venuto, CM.

No início deste ano, houve, no Colégio um churrasco em comemoração aos bons resultados obtidos por nossos alunos no vestibular de 1990/1991. Os próprios alunos é que promoveram, com a colaboração do Colégio. O índice de aprovação alcançado foi de 94,25%. Sete primeiros lugares: Pedagogia (PUC) – Ana Paula Montauray Coutinho; Filosofia (UFRJ) – Cláudio Alvarez Ferreira; Psicologia (CESGRANRIO) – Fernando Corrêa de A. Pinho; Desenho Industrial (PUC) – Maria Rita Fernandez; Matemática Aplicada Computacional (UNICAMP) – Rodrigo Drumond C. Duarte; Engenharia (CESGRANRIO – 1º lugar na área tecnológica) – Wang Ke; Engenharia (UFRJ). Estes primeiros lugares em Engenharia foram de um mesmo aluno, que ainda fez PUC (6º lugar) e UNICAMP (7º lugar – onde está cursando). Os dois que passaram na UNICAMP, Rodrigo Drumond C. Duarte e Wang Ke, foram selecionados para uma turma especial de graduação e pós-graduação; seis meses após a graduação, já apresentarão a tese de mestrado. Parabéns!

O pátio do Colégio está sempre colorido (eu não disse colorido) com a pintura do muro feita pelos alunos, que aqui começam a pintar seu futuro. São constantemente incentivados a ocupar plasticamente o espaço disponível.

A feira do livro "horrorizou", com o Palhaço Xuxu (gostaram da receita de creme para o cabelo?) e o Teatro Mimos, um primor de apresentação. Alguns escritores, entre os quais Luís Pimentel, pai de aluno, e José Mário Tamas e Luciana Sandroni, ex-alunos do São Vicente, foram entrevistados em sala de aula.

A celebração da Páscoa reuniu representações dos vários setores da Casa, na liturgia eucarística bem participada, cujo espírito se estendeu ao ágape, esticando-se, depois, até Mendes, em reflexão e lazer.

A festa junina arreventou a boca do balão. Aquele incêndio de animação... samba de uma nota só: 10, na organização! Grêmios, Coordenação Comunitária, Administração, Direção e Associação de Pais e Mestres. A renda obtida reverterá para a Comunidade do Cerro-Corá – Posto de Saúde. A A.P.M. aplicou o lucro de Cr\$ 1.181.250,00 para ser retirado quando necessário pela Comunidade.

Foi fundada a Associação de Ex-alunos, há tanto sonhada e, afinal, julgada inadiável pelos que concluíram o curso em 1990. Já houve três reuniões, duas gerais e uma com ex-alunos das duas primeiras turmas formadas no São Vicente: 1966 (Bodas de Prata! Parabéns!) e 1967. Outras reuniões por turma estão sendo marcadas e, no dia 20 de outubro, haverá assembleia geral, em que se discutirão os estatutos, já elaborados e funcionando provisoriamente.

João Paulo Fernandes da Silva, depois de mais de vinte anos de dedicado trabalho no São Vicente, deixou-nos, saudoso, para melhor atender à família, retornando às Minas Gerais. Marlene Maria de Figueirôa o está substituindo na coordenação de disciplina do primário.

Nossos professores não brincam em serviço. Vários deles continuam enriquecendo seu currículo.

Márcia de Assis Vieira (1ª série)
Psicopedagogia

Maria Eugênia Pondé Trigona (Inglês)
Psicologia

Maria Eleonora Mateus Caldeira (SOE)
Psicologia

Dirce de Camargo (SOP/1º Grau)
Psicologia

Zacarias Jaegger Gama (SPO/2º Grau)
Mestrado em Educação

Cátia Ferreira de Miranda (Português)
Mestrado em Linguística

Luiz Sérgio Dias (História)
Mestrado em História

Maria Margarida Cardoso Félix (História)
Mestrado em História

Patrícia Mendes Rubim (SOE)
Especialização em Terapia Familiar

Rogério Forti (Português)
Mestrado em Educação

Maria de Lourdes Rangel Tura (SOE)
Apresentou, na VI Conferência Brasileira de Educação, o painel: *Representações Sociais e Política Nacional de Educação na Escuta de Outras Vozes...*
E publicou na Revista de Educação AEC: *O Transitório e o Permanente em Educação*.

Lúcia Maria Madeira de Castro (1ª série) e Maria Eliane de O. Figueiredo (Bibliotecária do Primário)

Participaram, financiadas pelo Colégio, de dois seminários: *O Universo dos Contos de Fadas e O Círculo Mágico dos Cavaleiros no Inconsciente e na Literatura.*

Noêmia Bittencourt Cavalcanti (Religião)

Teologia

São 102 alunos — de 5ª, 7ª, 8ª e 2ª Graus — que, preparados ao longo do ano, receberão a Primeira Eucaristia no final deste semestre.

Os formandos de 1991 — 3º ano e 8ª série — já estão preparando, com a Coordenação Comunitária, a Missa de Ação de Graças e a festa, que, prometem, será de arromba!

O São Vicente (2º Grau), participando do IX Intercolegial O Globo-Dan'Up, em quatro modalidades (basquete, vôlei, handebol e atletismo), marcou presença de destaque, dando esperanças de muitos melhores resultados no próximo.

Sonhávamos, há dois anos, com uma passarela que se lançasse da altura do primeiro andar sobre a quadra de esportes... A passarela fraturou as pernas, mas o sonho não acabou. Mergulhou no chão: Estamos pensando num... não, metrô, não!... Túnel. Para quando as vacas engordarem.

Sônia Freire de Castro é, desde março, a nova Secretária do Colégio, em substituição a Mariza Passaroni F. da Silva, que se afastou por motivos pessoais.

Já é tradição o passeio de professores ao Caraça (MG), na Semana Santa. Já está quase formado o grupo para 1992.

O GRECO (Grêmio Colegial) voltou a participar do Conselho Pedagógico (reunião semanal da Diretoria com os Coordenadores dos vários setores e níveis). É antiga esta conquista, pela qual não se interessaram as diretorias dos últimos anos.

Cláudia Helena Garcia Garicoi, que terminou o 2º Grau em 1990, compõe a equipe docente do Curso Supletivo, atendendo os alunos na Biblioteca.

José Fernandes da Silva, Coordenador do Curso Supletivo (noturno), vem realizando ótimo trabalho: firmou convênio com a Universidade Santa Úrsula, que indica estagiários para o serviço de orientação educacional e oferece possibilidade de treinamento na área de educação popular; abriu espaço para o SENAC fazer apresentação de seus cursos; organizou um cadastramento dos alunos, com vistas a oferecer mão-de-obra aos pais do Colégio, ajudando, assim, nossos alunos mais carentes a se encaminharem profissionalmente.

A Mecanografia gasta, por mês, 350 resmas de papel, o que vem a ser:

- 175.000 folhas tamanho 33 x 22 cm
- 57.750 metros (as folhas em fila)
- 12.705 m² (área maior que o terreno do Colégio)

É o que podemos chamar de desgastante problema de papel passado.

A seara de estagiários no São Vicente está mais florescente do que nunca! São vinte e quatro, assim distribuídos:

Helena Cristina Coutinho (Supl.) – Resp.: João Fernandes

João Carlos M. de R. Martins (ex-Pres. A.P.M.) (Supl.)

Resp.: João Fernandes

Mª Beatriz de Almeida Serra (ex-aluna) (Supl.) –

Resp.: João Fernandes

Patrícia Oliveira Nunes (Supl.) – Resp.: João Fernandes

Silvelena de M. Leite (Supl.) – Resp. João Fernandes

Tereza Cristina P. Pereira (Supl.) – Resp.: João Fernandes

Vânia Thuller (Supl.) – Resp.: João Fernandes

Magali Azeredo Araújo (1º Grau) – Resp.: Wilka

Paula Sontello Araújo (1º Grau) – Resp.: Wilka

Mônica F. Falcene (1º Grau) – Resp.: Wilka

Rosemary V. Pereira (1º Grau) – Resp.: Wilka

Maria de Fátima da S. Leite (SOE) – Resp.: Patrícia

Cristina Pinto da Cunha (SOE) – Resp.: Patrícia

Cleide Torres A. Goulart (SOE) – Resp.: Patrícia

Maria Lígia Muniz Gadelha (Secr.) – Resp.: Sônia

Maria Aparecida P. P. da Silva (Secr.) – Resp.: Sônia

Maria Teresa B. Cunha (ex-aluna) (Secr. / 1º Grau)

Resp.: Sônia / Nina / Marlene

Maria Ângela de C. S. Chevitaese (Secr. / 1º Grau)

Resp.: Sônia / Marlene

Solange Maria L. de Souza (1º Grau) – Resp.: Nina

Cristiane Maria S. Peres (2º Grau) – Resp.: Zacarias

Cláudia Mara O. Aguiar (2º Grau) – Resp.: Eleonora

Patrice Costa Barcellos (1º Grau) – Resp.: Luci

Solange Silva M. Marins (1º Grau) – Resp.: Heloísa / Nina

Cláudia Conceição de Freitas (1º Grau) – Resp.: Nina

TEREZINHA BENEGAS – PRESENTE!

Solange G. Borba e Seimar M. Sant'Anna
 Professoras – 1º Grau I
 Anamaria Prado
 Presidente A.P.M.

Dia chuvoso. Daqueles que a gente pensa em se encolher, ler um livro. Dia em que há sempre uma pincelada de melancolia uma sensação de não-se-sabe-o-quê no ar, mas que não preparou ninguém para a perda, para a saudade...

Notícia ruim chega logo. E chega mesmo!

O São Vicente parou no dia 26 de março passado, ninguém conseguia acreditar que Terezinha havia partido junto com Lino, sem avisar a ninguém. São esses caminhos da vida que, de repente, as pessoas por eles seguem sem que ninguém entenda o porquê.

A alegria, a jovialidade de Terezinha ecoavam tanto na sala de aula, no contato com os colegas, na UERJ onde vinha atuando, na busca de um aprimoramento lingüístico, que concretizar a ausência não ficava fácil. A partir daquele momento, todos tínhamos uma certeza: Teríamos de aprender a conviver com a presença da ausência...

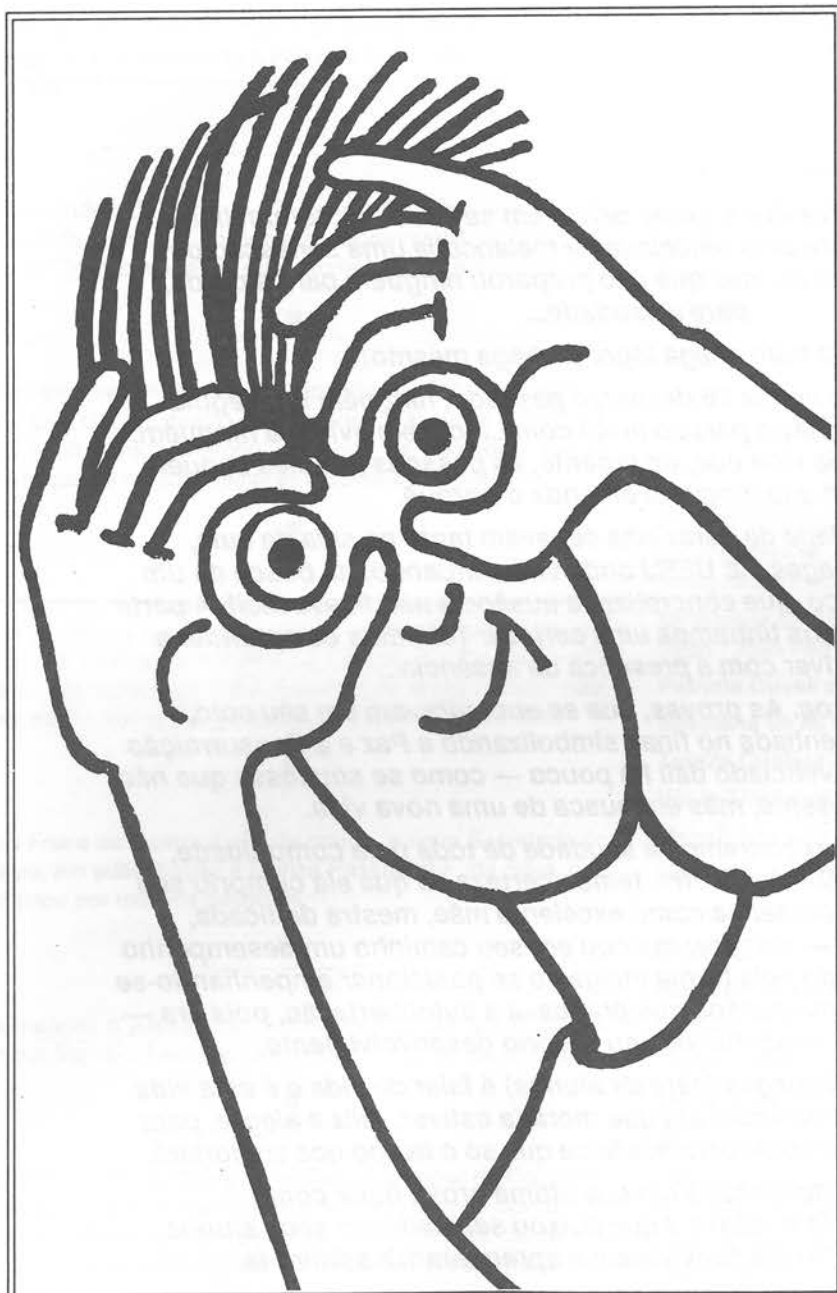
Foi próximo à Páscoa. As provas, que se encontravam em seu colo, tinham uma pomba desenhada no final, simbolizando a Paz e a Ressurreição — momento que seria vivenciado dali há pouco — como se soubesse que não estaria presente, mas em busca de uma nova vida.

Neste momento, que registramos a saudade de toda uma comunidade, inclusive lembrada no Dia do Mestre, temos certeza de que ela cumpriu seu papel; marcou sua presença como excelente mãe, mestra dedicada, preocupada com a ética — sempre; buscou em seu caminho um desempenho honesto, sempre pontuado pela forma meiga ao se posicionar, empenhando-se pela qualidade, enfim, uma pessoa que praticava a autolibertação, pois era — cada vez mais — agente de seu próprio desenvolvimento.

Falar de Terezinha, da Benegas (para os alunos) é falar de vida e é esta vida que desejamos sabê-la vivendo, em que morada estiver, feliz e alegre, para que possamos ter amenizada esta ausência que só o tempo nos confortará.

Que a POMBA desenhada em sua última prova fique como símbolo da vida que ela buscava e que deixou semeada em seus alunos, em todos que com ela conviveram e aprenderam a admirá-la.

EM DESTAQUE!



A nossa tão querida Tetê, da Tesouraria, recuperou-se do A.V.C., que sofreu no início do ano, estando em plena forma, tanto que acaba de regressar de Porto Seguro, onde excursionou com os alunos do Colégio e o Prof. Sérgio Drago.

Joaquim, da Zeladoria, que também sofreu um A.V.C., continua em processo de recuperação; já está andando e fazendo fisioterapia no Instituto Deolindo Couto, duas vezes por semana, acreditamos que continue melhorando cada vez mais.

O nosso querido "Pilha", Antônio Batista Araújo, faleceu, no início do ano, vítima de um acidente de moto. Inspetor muito querido de todos, deixou toda a comunidade do São Vicente saudosa. Fica na memória de todos nós a sua inesquecível figura, a sua colaboração e a alegria que tinha em viver.

O agradecimento das Voluntárias da Caridade pelos donativos recebidos por ocasião da gincana realizada, durante a Festa Junina. As turmas da 5ª e 6ª série do 1º Grau e 3º ano do 2º Grau, que foram as vencedoras, colaboraram com o maior número de doações, mas é a comunidade que merece os parabéns por ter se integrado ao projeto social, possibilitando três meses de distribuição de alimentos e poderem agasalhar a todos que necessitaram. Caridade organizada e integrada dá resultado.

ALUNOS QUE PARTICIPARAM DO PROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA DA FIOCRUZ 1990 / 1991.



Cecília Oliveira Barbosa, 2º C – Departamento de MICOLOGIA

Gustavo Federica Jaugueri, 2º A – Departamento de HELMINTOLOGIA

Helena Ferreira Siqueira, 2º A – FARMANGUINHOS

Joana da Costa Lyra, 2º C – Departamento de BACTERIOLOGIA

Luciana de Brito Dantas, 2º A – BIOMANGUINHOS (Reagentes)

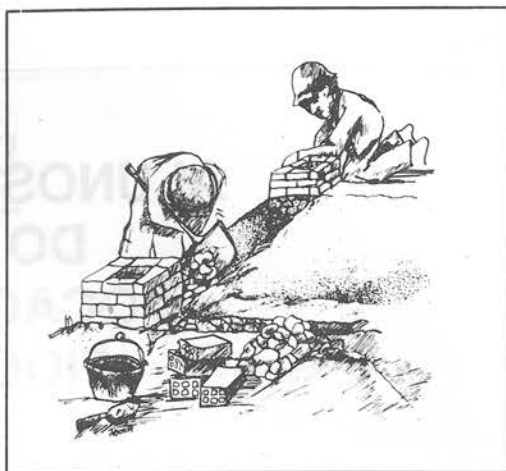
Niuxa Dias Drago, 2º C – BIOMANGUINHOS (Desenvolvimento Tecnológico)

*Suzana Casaccia Vaz, 2º C – Departamento de BIOLOGIA
Participante do Programa Avançado.*

QUEM TRABALHA NO SÃO VICENTE?

ADMINISTRAÇÃO: Dinah Ribeiro Costa; **ALMOXARIFADO:** Antonio Luiz de Andrade e Rosane Rocha da Silva; **BIBLIOTECA:** Maria José Bustamante Soares, Dirlene Ferreira Kinup, Maria Eliane de O. Figueiredo e Cláudia Helena G. da Costa; **CONTABILIDADE:** Rosemaria Verônica de A. Pereira e Rozani Clementina do Nascimento; **DEPARTAMENTO PESSOAL:** Humberto Pedro B. Arêas, Marly Marreiro do N. Januário e Andréa Severiano V. da Cruz; **COORDENAÇÃO DE DISCIPLINA:** Walmiria Britis Braga e Sueli Rangel Maia; **DISCIPLINA:** Alcyr Barreto Ribeiro, Maria da Glória R. Cabral, Mozart Rodrigues Saraiva, Inésia Maria C. Mendonça, José Maria da Silva, Marlene Maria de Figueirôa, Homero Rodrigues Saraiva, Silvio Castro Rodrigues, Simone Gonçalves de Souza, Elizabeth Damaso dos Santos, Josuel Batista Araújo, Ana Lucia Gomes de Azevedo, Josias Gomes Godoy e Gil João Cuneo; **AUXILIAR DE COORDENAÇÃO:** Sueli Santana Machado e Rita de Lusie M. da Costa; **ENFERMARIA:** Marcia Ferreira do Nascimento; **MOTORISTA:** Antonio Soares de Oliveira e Severino Pereira da Silva; **MECANOGRAFIA:** Marly Gomes Corrêa, Ligia Graça Nunes Neves, Graça Maria Belo do Rosário e Antonio Morais Silva; **PORTARIA:** Antonio Miguel da Silva, Aristides José de Souza, Rita de Cássia Alves da Silva, Marco Antonio Silva de Amorim, Sérgio Luiz Silva, Josileuço de Macêdo Ramos e Iranilson de Sant'Anna Leite; **SECRETARIA:** Leda Carneiro, Vania Maria de M. C. Remy, Willian Alves dos Reis, Ivonete Costa e Sonia Freire de Castro; **TESOURARIA:** Maria Theresina P. da Serra e Sandra Correia Matri; **SERVIÇOS GERAIS:** Silveria de Jesus Nascimento, Maria do Socorro das Santos, Maria Amélia do N. Lima, Maria da Conceição Santos, Carlos Severiano Dantas e Cristina Muniz Gonçalves; **ASCENSORISTA:** Antonio Milão Pinto e Antonio Silva Moreira; **SERVIÇOS OPERACIONAIS:** Araciema de Moura Neves, Darcy Moreno da Silva, Valerio Bartelli, Euripes José da Silva; **ZELADORIA:** Cosme de Souza, Francisco Félix Pereira, Francisco Pereira da Silva, Geraldo Antonio C. Primo, Joaquim Batista de Souza, José Trajano da Silva, Pedro Augusto de Souza, José Alceu Silva, Gerônimo Cabral da Silva, Bianor

Florêncio dos Santos, Severino Firmino de Farias, José Darcy Rodrigues, Geraldo Constantino Teodoro, José Pereira de L. Sobrinho, João Manoel de Souza, Jonas Carlos da Silva, Mauro Lima e Sebastião Alves de Alcântara; **COZINHA:** Benedita Souza C. Moreira, Rita Maria dos S. Leandro, Gerson Vicente Alves, Maria Emília Martins Alves e Helenita Marques Barbosa; **PROFESSORES – 1º GRAU I:** Alzemira de Assis Paula, Abgail Analia de M. Barbosa, Celia Mria Duque E. Meyer, Cristiane Coelho Pessanha, Claudia de Carvalho Marçal, Débora Maria C. Montano, Edna Gonçalves Cardozo, Gisele Pinto Costa, José Eugênio de Macedo, Kedma de Oliveira Silva, Lauro José de O. Basile, Leda Siqueira Machado, Leila Alvarenga Bastos, Lucia Maria Madeira da Costa, Maria Cristina Maciel Teixeira, Maria Lucia Vasconcellos Gomes, Maria Tereza Falcão Koblitz (licença sem vencimentos), Maria Celeste Reis Braga, Marlene Lydia Bluhm, Marcia de Assis Vieira, Marcia Lima Vitoria de Abreu, Noêmia B. Cavalcante, Rosana Mota, Sandra Maria Motta Marques, Verli Aparecida L. Pezzotti, Vilma Gledice Lins Cavalcanti, Wilmary Josemar da Silva (licença maternidade), Maria Helena V. Vasques de Carvalho, Neuza de Freitas Bastos, Emília Costa de Almeida e Sonia Maria Souza Marques; **PROFESSORES – 1º GRAU II e 2º GRAU:** Adahil Lourenço, Almir Terceiro Teles, Antonio Simplício R. Farias, Alexandre Rodrigues Junqueira, Anna Mansur, Arthur Guilherme C. da Motta, Carla Di Gregório Porciúncula, Catia Ferreira de Miranda, Claudio Mario G. da Silva, Clea de Albuquerque Coelho, Celia Maria Pinto Costa, Dirce de Camargo, Derli Silveira, Edison Nunes Abreu Teixeira, Edson Boia do Nascimento, Elpidio Targine Veras, Esther Cohen, Eduardo Fernandes Quadra, Filomena Lucia V. Cavalcante, Gerson Vellaco Junior, Heloisa Pereira S. de Carvalho, Hugo de Vasconcelos Paiva, Hugo Santos Martins Pinheiro, Iára Telles Lima Costa, Ivone Vieira, Inah Brider, João Carlos Rodrigues Gomes, João Coutinho de Barros, Jorge Ubiraja M. Souza, José Carlos Vieira Campos, João Chagas de Oliveira Netto, Luci de Araújo Moura, Luiza Regina M. Braga, Luiz Sérgio



Dias, Marçal Versiani dos Anjos, Margarida Maria N. M. N. Carneiro, Maria Cláudia de Amorim, Maria Cristina S. P. Caldas, Maria Eleonora M. Caldeira, Maria da Graça dos S. Vasconcellos, Maria das Neves Oliveira, Maria de Lourdes A. Trindade, Maria de Lourdes R. Tura, Maria Rosa Momesso de Castro, Marlucia Silva de Oliveira, Manoel Vieira, Mônica Miceli Roque, Marco Antonio G. de O. Menezes, Maria Margarida C. F. de Andrade, Nilo Sergio dos Santos, Nice Pereira dos S. Ballado, Nina Maria V. I. da Cunha, Neisa Graça Gomes (licença maternidade), Patrícia Mendes Rubim, Paulo Pereira Nascimento, Rose Mary da M. Oliveira Manhães, Reynaldo Campos Pereira, Ricardo Oliveira da Silva, Roberto Vizeu Barros, Seimar M. Sant'Anna, Sérgio Luiz Alves Drago, Sheila Dain, Solange Gonçalves Borba, Sueli de Lima Moreira, Sidney Moraes de Vasconcellos, Therezinha Freitas de Azevedo, Vera Maria Rozaria Canázio, Wander Francisco de Paula, William José Batista, Wilka Maria P. C. Brito, Wilmington Oliveira Collyer, Zelina Coelho Sena Delduck, Frederico Lanza, Zacarias Jaegger Gama, Zulma G. de Góes Telles, Luiz Octavio Alves da Silva, Maria Salete Busnardo Jacó, Maria Heloísa V. Bôas Simões, Sérgio Benedito Maia, Celia Eyer de Araújo, Carlos Henrique Carrilho Cruz, José Antonio de Almeida Mattos, Jandira Correia Hamacher e Rogério Forti; **SUPLETIVO:** Adriana Penna M. de Fonseca (licença maternidade), Clautenes Antonia F. F. Lopes, José Fernandes da Silva, José Cláudio dos Santos, José Paulo Dias Teixeira, Lucia de Fátima N. N. B. Monteiro, Laerte Martins Guerra, Mariza da Silva Nobre, Maria Concetta Centola Lamori, Roberto Gomes Corrêa, Therezinha Cunha, Ana Cristina Brum-de Lucca, Maria Alice Ferreira Barradas, Edilene Maria Santos C. Guimarães e Etiene Guimarães Monteiro.

ESTÁ CHEGANDO O NATAL...

"TODOS OS CAMINHOS SÃO MÁGICOS SE
NOS LEVAM AOS NOSSOS SONHOS"

Claudia Castelo Branco

Este ano nos pareceu fruto de uma combinação como se todos tivessem acertado que nada iria desviar a caravana, ela seguiria até seu objetivo, superando os obstáculos da melhor maneira possível.

Determinou-se um ritmo e todos procuraram se adaptar a ele, muitas vezes, mudando a maneira de fazer as coisas rotineiras, permitindo que algo novo nascesse dentro de cada um.

Assim, buscando um sonho, o São Vicente quis muito crescer, agir e vencer, conseguindo fechar o ano num clima de paz e tranquilidade, com um saldo positivo, porque ele produziu muito em 1991: Festa Junina, Feira de Ciências, Biblioteca Infantil, Feira de Geografia, formaturas assumidas pelos próprios alunos da 8ª série e 3º ano do 2º Grau, Reuniões de Ex-alunos, Páscoa, Sua Incelência, o Nordeste (Cala-bouço) e Aurora da Minha Vida (Faz Escuro), etc...

Acreditamos que ensinar é mostrar ser possível e aprendemos que foi possível sermos unidos, cada segmento buscando auxiliar o outro, todos querendo combater o Bom Combate, aquele que nos leva à libertação, a sermos agentes sempre de uma proposta que busca o desenvolvimento do ser enquanto pessoa que pode transformar, que pode lutar sem ficar paralisado de medo do novo, do desconhecido.

Falamos com entusiasmo, com uma força maior, com amor e crença de que conseguimos vencer porque tínhamos fé

no São Vicente. Se assim estamos demonstrando a nossa alegria, estamos também mostrando nossa gratidão por termos participado deste ano de muitos Natais, de perseverança, de lutas e busca de caminhos que levassem a todos nós a atingir os nossos sonhos.

Nós, da A.P.M., com todo o Colégio estamos certos de que em 1992 a estrada a ser percorrida estará dentro de uma prática participativa mais planejada, quando estaremos unidos — cada vez mais — em torno do mesmo objetivo, enquanto construtores do "caminho mágico", de uma característica que nos une: o Amor pelo São Vicente.

Queremos deixar o nosso agradecimento pelos momentos vividos, pela oportunidade de vivenciar junto com toda a comunidade o momento novo que marcou o ano de 1991 — Repensar e Refletir o São Vicente.

Como Diretoria reeleita, afirmamos que valeu a pena. Tenham a certeza de que buscaremos fazer muito mais através desta jornada da Caravana Vicentina que, no final, nos trará uma sensação real: **Com nossa Fé** e com o nosso passo, somos absolutamente capazes de fazer nosso caminho, de atingir nosso sonho e conquistar nosso ideal.

**O MELHOR PARA TODOS.
DE TODOS NÓS, PAIS E AMIGOS,**



CONCERTO DE HARPA, REALIZADO NO DIA DA
FESTA DO PATRONO — SÃO VICENTE DE PAULO,
POR CRISTINA BRAGA.